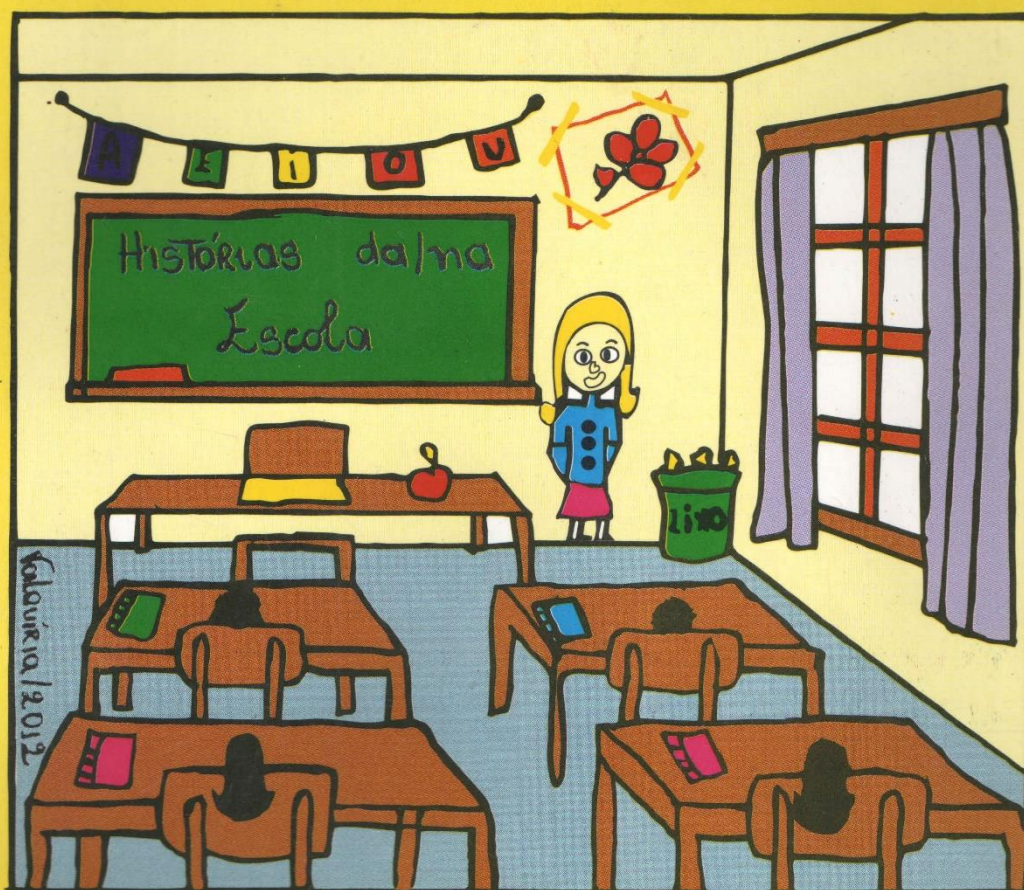


Msc. Beatriz Nunes Santos e Silva (org.)
MSc. Roselaine das Chagas (org.)
Dra. Tania Nunes Davi (org.)



ESCREVENDO E REGISTRANDO NOSSAS HISTÓRIAS



EDITORA FUCAMP

MSc. Beatriz Nunes Santos e Silva (org.)
MSc. Roselaine das Chagas (org.)
Dra. Tania Nunes Davi (org.)

ESCREVENDO E REGISTRANDO NOSSAS HISTÓRIAS

EDITORA FUCAMP

Monte Carmelo - MG - Brasil

2012

© 2011 by MSc. Beatriz Nunes Santos e Silva,
MSc. Roselaine das Chagas e Dra. Tania Nunes Davi.

©Direitos de publicação
EDITORA FUCAMP
Av. Brasil Oeste, s/n – Jardim Zenith
38500-000 – Monte Carmelo – MG
Tel.: (34) 3842-5272
fucamp@fucamp.edu.br
www.fucamp.edu.br/instituicao/editora

Direção

Guilherme Marcos Ghelli

Setor Financeiro-Administrativo

Fábio Teixeira da Silva

Julienne de Fátima Alves

Secretaria

Alessandra de Oliveira Marques Rios

Biblioteca

Sarah Cristina Maria Ferreira

Revisão

Roselaine das Chagas

Capa

Valquíria Martins Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E 74 Escrevendo e registrando nossas histórias / Beatriz Nunes
Santos e Silva(org.); Roselane das Chagas (org.); Tania
Nunes Davi (org.). Uberlândia: Edibrás, 2012.

112p.

ISBN 978-85-99252-05-5

I. Literatura brasileira I. SILVA, Beatriz Nunes Santos e
(org.) II. CHAGAS, Roselane (Org.) III. DAVI, Tania
Nunes (Org.) IV. Título.

CDD B869

AGRADECIMENTOS

Ao esforço e criatividade do(a)s aluno(a)s do 3º período de Pedagogia que se desdobraram para produzir as crônicas deste livro.

A Ana Cecília, coordenadora do Curso de Pedagogia, pelo incentivo e a parceria com o projeto.

A Kelma e Guilherme, respectivamente Coordenadora pedagogia e Reitor da FUCAMP, pelo apoio constante no processo de ensino aprendizagem de nosso(a)s aluno(a)s.

APRESENTAÇÃO

Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero, entendo o que posso fazer.

Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são....

Clarice Lispector

O pensamento de Clarice Lispector exprime a razão do registro desse livro de crônicas. Escrever nossas histórias de vida na escola e sobre a escola é um caminho em que cada um de nós professores e futuros docentes temos como oportunidade de pensar e rever sobre nossa ação didático-pedagógico. Ao mesmo tempo, convidar as alunas do curso de Pedagogia a relatar suas vozes sobre suas trajetórias escolares é traduzir para nosso cotidiano, seja dos professores ou delas alunas, uma formação que se volta para a prática e a partir dessa reescrever a "práxis educativa".

Escutar a voz dos alunos significa olhar para dentro de cada leitor que porventura venha a se apropriar dessas linhas, pois nos projeta para dentro da própria escrita. Quando o sujeito educativo se põe a refletir sobre fatos de sua vida, sejam eles positivos ou negativos estabelecemos um contrato psicológico com nossa própria formação, pois nos expomos e nos comprometemos com "amorosidade" sobre o processo educativo.

Assim, esse registro pretende ser uma leitura crítico-reflexiva para todo aquele que pretende ser "mestre", isto é contribuir para a formação de alunos que tem uma alma, um corpo e uma mente.

DESTINO

Amanda Aparecida dos Anjos

A vida é feita de imprevistos e a cada dia que passa busco sempre ultrapassá-los rumo ao sucesso.

Em toda a minha infância, tive sempre a orientação dos meus pais sobre as minhas decisões principalmente sobre educação.

Sempre escutei dos meus pais uma frase que jamais esquecerei, que uma boa aprendizagem ninguém toma da gente, então aproveite a oportunidade que você tem de estudar e nunca desista, por mais que aparecer na vida obstáculos, que interfiram em sua carreira estudantil.

Foram com essas palavras, que fiz as séries iniciais e o ensino médio. Às vezes passava pela minha cabeça vontade de não fazer faculdade, mas ao mesmo tempo lembrava-me dos ensinamentos que minha família sempre me falava.

Com isso fiz o magistério que me proporcionou grandes ensinamentos, e fez com que meu psicológico necessitasse de mais conhecimentos educacionais.

Assim, fiz o vestibular para Pedagogia, e fiquei muito feliz, estou cursando o 3º período que é uma imensa honra para mim. Mas minha vida de uns meses até o exato momento passou por algumas mudanças. Me casei e engravidei inesperadamente o que está me dispersando um pouco do curso, pois devido à gestação me sinto indisposta para continuar vindo à faculdade.

Depois de tanto esforço dos meus pais me auxiliando em meus estudos, e minha dedicação para eu ter uma formação pedagógica, o destino mudou os meus planos e enfraqueceu minhas expectativas do término do curso; mas não pensem que irei desistir.

Com todo esse momento de indecisão, tenho esperança de o meu destino se transformar em muitos dias felizes com minha família e o meu curso terminar, possibilitando aos meus pais ver sua filha mais nova formada.

É para meus pais que dedico toda a minha trajetória de vida até aqui onde cheguei.

A HISTÓRIA SE REPETE: MÃE E FILHO COM TRAUMAS E VITÓRIAS NA ESCOLA

Ana Lúcia Ribeiro

Não trago boas recordações dos meus primeiros anos na escola. Quando iniciei meus estudos, tinha 7 anos e meu pai havia falecido.

Nossa vida era muito difícil, minha mãe trabalhava na roça, e saía de casa às 5h da manhã e voltava às 6h da tarde. Com muita luta e dificuldade trabalhava sozinha para criar os filhos. Não tinha tempo para ajudar nas tarefas da escola.

Eu, uma criança magrinha morria de vergonha e muito tímida. Não tínhamos condições de comprar material escolar só tinha o que a prefeitura dava. Minha pasta era um saquinho desses de açúcar. E não reclamava por isso, mais sentia que as outras crianças me olhavam diferente. Quieta em meu canto não falava com ninguém, não gostava de ler para não chamar a atenção das outras crianças, tive muitas dificuldades na escola.

Hoje sei que fui vítima de Bullying na escola. A agressora era uma colega de sala, uma menina encenqueira, brigona que sentava atrás de mim e me atormentava a aula inteira. Sempre que eu ia ao banheiro ela ia atrás e me batia me derrubava no chão, me humilhava e fazia ameaças. Tinha medo e não contava para ninguém.

Com isso, fui tomando raiva da escola, conseqüentemente passei a ter dificuldade de aprendizagem, com 11 anos não conseguia aprender a ler nem escrever corretamente. Sempre no horário de ir para aula, passava mal para não ter que ir, assim, eu faltava muito e no final do ano; era BOMBA.

Foi quando minha prima veio passear em minha casa e me levou com ela para Valparaizo, uma cidade vizinha do DF. Por termos uma vida difícil minha mãe me deixou ir, momento em que aprendi a ler e escrever. Porém, por ser muito longe, não consegui ficar sem minha mãe e voltei; de novo para mesma escola. O medo apareceu novamente. Terei que viver aquele terror? pensava comigo mesma. Esse motivo fez que aos 12 anos de idade abandonasse a escola.

Mas meu sonho era estudar e aos 15 anos voltei para escola. E o medo, havia acabado? Não. Mas precisava enfrentá-lo. Entrei no supletivo e, na época concluí a 4ª série, hoje 5º ano.

Uma etapa vencida. No ano seguinte, na 5ª série, abandonei a escola pela segunda vez, pois, engravidei aos 16 anos e novamente senti os olhares desconfiados das pessoas. Não consegui continuar. Foi difícil sofrer muito, mais tive minha filha e casei e tive mais dois filhos.

Desistir, jamais. Procurei a escola novamente e tive a oportunidade de fazer a EJA, fase que foi muito importante na minha vida; a realização de um grande sonho.

No decorrer desse período meu filho entrou na escola e ele tinha muita dificuldade. Parecia que a história estava se repetindo. Ele no 5º ano, chegou em casa com os olhos cheio de lágrimas e me contou que a professora pediu uma redação. Ele fez. Ela recolheu, levantou o desenho na frente da sala e perguntou quem havia feito aquele lixo e como não bastasse, rasou e jogou no lixo.

Fiquei indignada. Procurei a direção da escola contei o ocorrido e pedi para mudar ele de sala, pois naquela sala ele não voltaria mais. Resolvi o problema do meu filho, e as outras crianças?

Depois meu filho veio a me contar que a professora virava o lixo na cabeça dos alunos; a maioria delas eram crianças pobres com dificuldades. Ela os tratava muito mal.

O professor tem um papel muito importante na formação da criança. Respeitar o outro, independente da classe social é o início de toda aprendizagem para um educador.

O Bullying é um tipo de agressão que pode ser física ou psicológica, ocorre repetidamente e intencionalmente e ridiculariza, humilha e intimida. Essas agressões podem causar danos psicológicos para a criança onde ela se isola tem queda do rendimento escolar e em alguns casos afeta o estado emocional deixando traumas que jamais serão superados. Por isso, resolvi ser pedagoga quero ajudar crianças como eu e meu filho que tivemos dificuldades dentro da escola.

Graças a Deus consegui superar toda a dor, todo sofrimento que passei nos meus primeiros anos na escola, mas e meu filho que consequências poderá ainda ter?

Hoje vejo que para conseguir superar os nossos problemas não podemos desistir nunca, agradeço a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui principalmente meus professores da escola.

MENINA DOS CACHINHOS DOURADOS

Andréia Naves de Araújo

Mais uma semana se inicia. Sou estagiária e observo a rotina de uma escola pública. Tive a oportunidade de passar alguns dias em uma determinada sala do 4º ano do ensino fundamental, ajudando a professora a trabalhar com aquelas crianças e perceber o processo ensino-aprendizagem.

Experienciar situações do cotidiano escolar nos faz rever conceitos humanos, afetivos e cognitivos que devem permear nossa ação docente. São momentos de formação e de (re)construção de nossa identidade profissional, pois existem situações que nos marcam positivamente e negativamente.

A organização do trabalho pedagógico é complexa pois nos deparamos com disciplinas curriculares, gestão da sala de aula, relações interpessoais que se harmoniza concomitantemente.

No 2º dia de observação um fato muito interessante me chamou a atenção. Naquele dia, conheci uma menina linda, olhos grandes e pretos como uma jabuticaba, pequenina, fofinha e seus cabelos eram loirinhos, dourados e cheios de cachinhos e seu nome é Gaby. Sentava na primeira carteira perto da mesa da professora, gostava de participar muito da aula, era comunicativa e sempre conversava comigo, a letra dela era redondinha, coloria os desenhos com muito capricho, mas era de família humilde.

A turma da professora de Gaby é heterogênea, tem crianças de famílias ricas, filhos de médicos, dentistas e de famílias humildes e pobres. A professora tinha em seu planejamento semanal um exercício de produção de texto, que acontecia uma vez por semana. Propunha o tema e quem fizesse a redação mais bonita da turma, escrevia a mesma num caderno com o nome de “cadernos das redações mais lindas.”

Gaby produziu uma redação muito bonita, a mais bela da sala. Cheguei a pensar que fosse ser escolhida para o caderno de redação, mas a professora não gostou escolhendo de outra aluna. A produção escolhida foi de uma garota rica e filha de um médico da cidade. Gaby se entristeceu.

Certo ou errado a estratégia da professora? Não sei. Não posso julgar, mas vivenciar o olhar de uma criança...

Uma outra estratégia de aprendizagem. Na sala tinha também um painel de ditado e fatos e quem acertava tudo colocava um X nos quadrinhos, e no final do mês quem tivesse mais X ganhava um presente da professora. Gaby nunca tinha vez, sempre só ganhavam os presentes os alunos ricos e os que a professora gostava mais, quando eram os pobres, ela disfarçava, fazia de esquecida dando privilégio só para os ricos. Percebi que Gaby e alguns outros alunos eram excluídos por sua classe social, mesmo sendo inteligentes.

Investiguei como era o rendimento da pequena Gaby nos anos anteriores e somente recebi elogios quanto ao seu comportamento e compromisso com suas tarefas escolares. Era uma das alunas mais competentes da sala. Agora estava excluída.

E agora o que poderá acontecer com Gaby no ano seguinte? Como será seu desempenho? Quais providências a escola deverá tomar? Respeito, participação, criatividade, criticidade, cidadania.... essas e outras palavras fazem parte de nosso discurso docente, mas e nossa ação tem sido coerente? Pense e aja.

MÃE, ME MUDA DE ESCOLA!

Antônio Manoel de Freitas Neto

Em outubro de 2011, em uma instituição de Educação Infantil, durante o Estágio Supervisionado, uma amiga e eu tivemos a oportunidade de substituir uma professora a pedido da coordenação pedagógica da escola, pois a mesma havia faltado naquele dia.

Como um dia normal, as crianças faziam atividades. Brincavam, cantavam, enfim, vivenciava situações de aprendizagem que a escola proporcionava. Na classe tinha uma garotinha que era sempre a primeira a terminar suas tarefas. Esta gostava de ajudar seus colegas nas tarefas escolares, mas alguns, coleguinhas a rejeitavam por se uma garota negra.

Quando ofendida pelos outros colegas, ficava triste e dizia:

___ Professor, aquele menino me chamou de “preta”!

Na hora do recreio, a menininha brincando, correndo, pulando cantarolando, sozinha pelo pátio, parecia que vivia em um mundo distante.

Estar em grupo era algo que não fazia parte daquela criança, pois ao retornarmos para a sala, além de ficar isolada, sofria com o olhar gélido dos colegas. Não havia ninguém que a socorresse ou chamasse para estar perto dele.

Reclamações de empurrão, joelho machucado eram as marcas da pequenina. Pedidos de socorro ressoavam para os funcionários da escola, mas somente a sua avó que ali trabalhava lhe dava atenção.

Em um dia, durante o recreio, a avó da menina sentada num banquinho nos contou que a garotinha sofria de bullying dentro da escola. Ela nos contou que sua neta quase todos os dias chorava, ficava pelos cantos, e que havia pedido para a mãe dela, mudá-la de escola.

Alegria, encanto, vivacidade, prazer são caminhos que alguém que está no período da infância devem trilhar, mas o medo, a insegurança e a tristeza rondavam o coração inocente daquela criança.

___ Mãe, me mude de escola!

Mudar seria a solução? E nos outros lugares, o que ocorre? Não é a escola o local de interação social? Qual o papel do professor? Se trocar de lugar resolve o problema qual é a função da escola?

A REALIDADE DE UMA CRIANÇA NECESSIDADE ESPECIAL

Aparecida de Jesus Campos

Eu, aluna do curso de pedagogia 3º período, comecei a fazer o estágio em um a turma de ensino fundamental. Momento muito especial onde se pode vivenciar o cotidiano das crianças em sala de aula; um ambiente de “reflexão-ação-reflexão.” Conhecer as suas histórias nos auxilia a pensar nossa prática pedagógica.

Crianças chegam à escola e é recebida pela professora com carinho. Se organizam em fila e dirigem a sala de aula, porém, dentre todas essas crianças, teve uma que me chamou atenção, pois tinha uma necessidade especial.

Comecei a observar o seu desenvolvimento em sala de aula. A professora passou uma atividade para que todos fizessem. Clara, nome que vou dar a essa menina, pegou os lápis de cor e começou a colorir um desenho, que representava a família. Notei que sua coordenação motora era muito lenta; me aproximei para tentar ajudar a fazer sua atividade, mas a sua reação foi surpreendente. Pegou o lápis com bastante força e começou a rabiscar o desenho como se aquele desenho fosse uma forma de expressar toda mágoa guardada dentro do seu coração.

Curiosidade é o que move a aprendizagem. Queria compreender a reação daquela criança, por isso pergunto a professora sobre a convivência familiar. Pai desempregado e mal ficava em casa, fugia da convivência com a esposa e filhos para não se sentir cobrado a procurar emprego. A mãe não conseguia relacionar com a dificuldade de Clara e assim não orientava corretamente. Apanhava constantemente, ora sem motivo específico, ora por não conseguir o mesmo desenvolvimento escolar que seus irmãos. Estrutura familiar abalada, problemas financeiros, pouco conhecimento dos pais para auxiliar nas tarefas escolares e como intervir nos problemas de aprendizagem.

Essa situação me despertou sobre a importância da engrenagem "família- criança especial-escola- professor". A vida é um universo a desvendar dia a dia, não existe uma fórmula, mas é preciso conhecer a essência que move a alma, o corpo e a mente humana. Clara foi um "pedacinho encantador" de criança que me fez refletir sobre a parceria escola-família a fim de que como docentes possamos fazer a diferença.

MARGARIDA

Aparecida Maria de Oliveira

A escola é um lugar mágico onde a arte de viver me chama atenção. Eu estava feliz e emocionada por ter a oportunidade de estar dentro de uma sala de aula e poder manifestar esse sentimento aos meus colegas.

Certo dia, quando ia dizer algo a respeito da escola, lá estava Margarida com um laço de fita vermelho em seus cabelos, mas nenhum sorriso no rosto. Ela se sentava bem no cantinho da classe, sempre silenciosa. Pensava deve ser uma garota muito tímida e fiquei a observando ao longe. Era muito criticada por todos.

A menina começou a faltar a escola, um, dois, três...uma semana. O que estaria acontecendo? Na semana seguinte lá estava ela, sentada no seu cantinho. Pensei em me aproximar, mas fiquei com receio. Veio o intervalo e me enchi de coragem. Fui ao seu encontro a fim de saber o que estava acontecendo e se poderia ajudá-la, porém sua resposta foi um distante NÃO.

Fiquei sem graça, mas em meu íntimo algo senti que aquela resistência era uma defesa, pois no fundo de seus olhos queria desabafar, por isso, ao me afastar, apenas lhe disse que se precisasse conversar, estaria ao seu lado.

No outro fiquei surpresa. Margarida veio até mim e começou a contar histórias de sua vida. Ela sofria de pressão alta e era obrigada a seguir uma dieta rigorosa.

Um dia numa conversa animada entre mim e minhas colegas, Margarida aparece repentinamente e suspira tristemente:

__O que vocês tanto falam é algo ao meu respeito por estar triste e deprimida?

Logo disse que não e que nós estávamos falando sobre uma leitura, então perguntei a ela se ela gostaria de saber qual era o assunto do livro. SIM foi sua resposta.

O livro se chamava “Viver a vida”, inclusive o emprestei para que pudesse lê-lo.

Os dias foram passando e o comportamento de Margarida foi se modificando. Tornou-se mais comunicativa e pode demonstrar o quanto era uma garota alegre e bonita.

Pensar que uma pequena atitude de acolhida e de uma boa leitura pode ser uma estratégia de aprender a viver!

O GATO NA ESCOLA

Beatriz Nunes Santos e Silva

Franzino o gato, franzino o menino. Robusta a escola.

O gato chegou assustado no meio de tanta criançada. Foi um colega que o achou no caminho para a escola. Levou-o e soltou no pátio.

Imaginem o olhar assustado do gato. Correu e se escondeu. Todos entram para suas salas de aula.

É chegada a hora do recreio e todos saem para o intervalo.

O gato não consegue permanecer escondido. O menino encontra o gato e a criançada se agita a brincar ao seu redor, porém seu dono o reconhece. Toma o gato em seus braços.

_ O gato não é seu, é meu!

_ Não é meu, eu o achei quando vinha para escola!

Está feita a confusão. Quem realmente é o dono do gato?

Imagine vocês a situação. E o gato onde está?

O gato está atônito, tenta escapar, mas não consegue.

O suposto dono do gato o agarra e chega à coordenação da escola chorando e pedindo socorro, pois, querem pegar o seu gato.

O gato não entende nada, porém se agarra a sua camiseta escolar. O menino abraça o gato e ninguém consegue tirá-lo de seus braços.

Agora é o coordenador, o diretor e o professor tentando acalmar e convencer o menino a colocar o gato em uma caixinha até hora da saída escolar. O gato não pode entrar para sala de aula. Já pensou a balbúrdia que aconteceria? Um gato assistindo aula?

Ninguém consegue acalantar o menino e o gato. Eles não se soltam. Ficam na sala da coordenação chorando e miando o tempo todo.

Tentei entrar em contato com a família do menino. O telefone? Não tem.

Ah! O menino tem uma irmã na escola.

_ Na minha casa não tem ninguém! Minha mãe saiu.

_ Quem busca vocês na saída da escola?

_ Nós moramos pertinho e vamos sozinhos.

_ Então preciso que você ao ir embora, vá até sua casa e avise sua mãe que preciso falar com ela a respeito do seu irmão. Ele não assistiu aula depois do recreio, por causa do gato. Peça a ela para vir buscá-lo.

Foi dado o sinal. Todos estão retornando à suas casas.

A menina foi embora. Chamou a mãe.

_ Diga ao pessoal da escola que não vou à escola por causa de gato!

O menino vai embora com seu gato.

E a escola?

Bem estas e outras situações abarcam a escola todos os dias. E os pais?

Não se preocupam com seus filhos. O gato por sua vez teve um dia de aventura. Quem realmente é o seu dono? Não se sabe, na verdade é aquele que melhor o protegeu.

AMBIENTE DE ESCRITA

Beatriz Nunes Santos e Silva

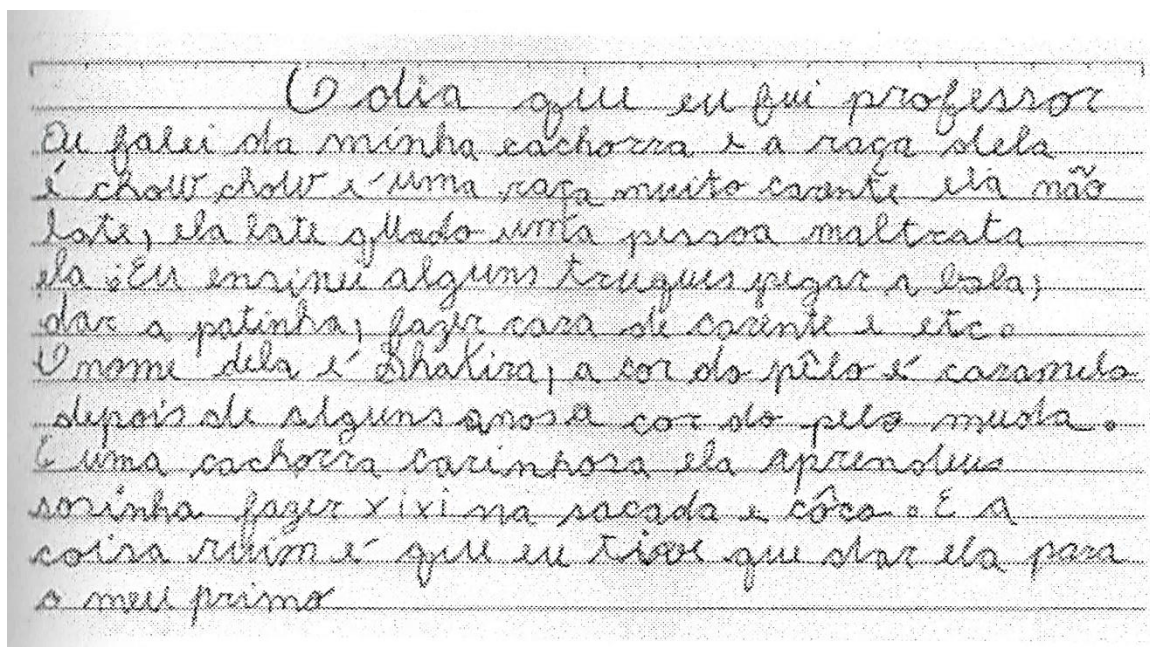
Enzo Silva Ramos Marra

Escrevia o prefácio desse livro quando fui abordada por meu sobrinho Enzo, um garoto de oito anos que cursa o 4º ano e muito curioso.

— Tia Bia, o que a senhora está fazendo?

— Organizando crônicas que minhas alunas da faculdade escreveram, pois serão publicadas em um livro.

Enzo se interessou e quis saber como se fazia uma crônica e se podia também registrar suas histórias que vive na escola e logo pediu um papel e caneta, por isso a coautoria nesta história que agora registro com sua própria letra e os seus “erros”.



Para escrever é preciso ter um motivo, um incentivo. É assim que acredito e ajo, despertando em meus alunos uma aprendizagem que ultrapassa uma codificação e

decodificação. Sonhar, imaginar, reorganizar as letras, sílabas, palavras é magia que impulsiona o surgir de novas ideias.

Enquanto professora sempre acreditei na importância da leitura e da escrita na formação de sujeitos participantes de uma sociedade que pode ser transformadora, por isso, a idealização desse livro. O homem quando se expõe, se compromete com “amorocidade” ao processo de aprender e ensinar.

Ambiente de escrita é um exemplo que devemos propiciar aos nossos alunos, independente da faixa etária em que estão, mas é a partir da educação infantil que temos que abrir as asas da imaginação e da esperança de nossas crianças.

MINHA PRIMEIRA PROFESSORA

Bruna Matildes Rodrigues

Quando eu era criança tinha muita ansiedade de ir para escola e assim que completei seis aninhos, papai decidiu me colocar em uma escola próximo à minha casa, facilitando assim a vida de todos, como dizia meu pai para minha mãe.

Aí chegou o período de matrícula, eu muito ansiosa, não via a hora, o tempo demorou a passar e finalmente estava eu, no pré, que era assim que se chamava.

No primeiro dia de aula, conheci a professora Margarida, ou melhor, tia Margarida como ela pediu que a chamasse. Achei interessante, embora eu não entendesse muito porque ela seria minha tia. Era pequenina, cabelos lisos da cor de ouro e usava óculos de grau. Era bonita, tinha um timbre de voz firme, mas ao mesmo tempo suave, uma personalidade muito forte, embora parecesse tão franzina. Foi minha professora preferida entre tantas outras que já tive e provavelmente, das que ainda terei, esta marcou minha vida.

Tia Margarida com aquela calma e paciência me ensinou basicamente o que se ensina no pré. Ela era uma pessoa muito legal e quando conversava com minha mãe, falava que eu era uma criança com um grande potencial, embora não soubesse o que significava aquilo. O som e sua voz era bem legal, tinha alunos que não gostavam dela e eu não entendia por que, mas isso não tem importância.

Ela me ensinou muitas coisas que eu guardo até hoje. Ajudou-me a descobrir a maravilhosa arte de conhecer as letras e os números... Foi ela que me permitiu aprender a amar a poesia, ser sensível, ver o mundo com os olhos da alma.

Sinto vontade de revê-la. Por onde anda? Como está? Sinto saudades! Que Deus possa iluminá-la e abençoá-la juntamente com todos os professores, porque a eles devemos as nossas instruções, o nosso crescimento intelectual e por que não espiritual?

Todos os professores do mundo deveriam ter muito reconhecimento. A eles o meu abraço, minha solidariedade e meu carinho.

LUTAR E VENCER DENTRO DA ESCOLA

Cristiana Ferreira dos Santos

Durante a minha infância a minha vida não foi nada fácil. Filha mais velha e sendo muito pequena e sem entender sobre o mundo ao meu redor tinha que tomar conta de meus irmãos e da casa.

Dos anos iniciais da escola, não me lembro quase nada, apenas que mudei para Monte Carmelo, vindo da Bahia em 1996, quando comecei no 1º ano escolar aos meus onze anos. Lugar diferente, gente com costumes diferentes, linguagem diferente, enfim um novo mundo a desvendar. Fui também matriculada na escola, o que me fez sentir mais perdida, nada igual do que já tinha vivido até então, mas era preciso ir aquele lugar. Aquele primeiro contato em nada me fez sentir acolhida, por isso não recordo de minhas primeiras alegrias na escola, ao contrário do 3º ano jamais esquecerei.

Nesse período tive uma professora que utilizava métodos agressivos para chamar atenção dos alunos: jogava giz, dava beliscões e ficava sempre gritando com todos da sala. Nesta etapa da minha infância eu carregava muitas dúvidas que jamais pude tirar, pois a professora nunca dava oportunidade de uma relação afetiva para com ela. Estava sempre de mau humor e descontava tudo nos alunos. Medo, angústia, insegurança me fizeram calar diante das dúvidas, por isso, aprender foi sempre muito difícil.

Hoje aos meus 26 anos estou cursando Pedagogia. “Meu Deus, será que é isso mesmo que quero fazer?” Ser professora?

Contemplar a minha história de vida escolar, principalmente nas séries iniciais, sem prazer e alegria, me amedronta. Somos fruto de nossas marcas, por isso sinto medo, porém, à medida que estudo e vejo a presença de professores no curso superior acreditando e me ajudando a construir conhecimento, sinto forte e capaz para vencer meus objetivos.

O tempo é nosso melhor companheiro, pois em nossos encontros e desencontros temos a oportunidade de rever nossos conceitos. Hoje penso com alegria na escola, quero fazer diferente do que fizeram comigo. Quero despertar nas crianças a beleza de ser, estar e aprender uns com os outros.

UM CAMINHO CHAMADO ESCOLA

Daiana de Fátima Amaral

Comecei a estudar com 6 anos de idade, cursando a 1ª série em uma escola na zona rural. Para chegar a escola demorava mais ou menos uma hora e, assim foi até a 4ª série. A sala era multisseriada. Imagine a confusão. Uma professora para todas as séries ao mesmo tempo. Nessa época eu era feliz e não sabia. Era considerada a melhor aluna da sala.

Chegou a 5ª série então fui estudar no Município de Patrocínio- MG, em um lugar que se chamava Silvano, que também ficava muito longe da minha casa, assim, tinha que ir de ônibus.

Criança na pré-adolescência é sempre cheia de traumas, medos e inseguranças. Eu era muito magra e por isso sempre fui muito criticada por meus colegas; na verdade eu era considerada a mais feia da sala e por isso recebia apelidos maldosos. Tudo o que eu falava ou perguntava eles riam de mim.

Vergonha de mim mesma era o sentimento que nutria a minha alma, o que me fez acreditar que o fracasso era o meu destino, fazendo com que não mais participasse das aulas. Tímida e sempre no cantinho da sala, pois tinha medo de ser notada pela professora e ir a frente, mas admirava os colegas que se apresentavam.

Nessa escola estudei da 5ª a 8ª série, hoje 6º ao 9º ano, depois meus pais resolveram se mudar para outra fazenda. Para estudar o lugar mais próximo era Monte Carmelo-MG, outro momento difícil. Levantava às 4 horas e somente retornava para casa às 14 horas.

Aprender, como? Passava grande parte do tempo dormindo e depois vinha a fome. Meus pais eram pobres e não tínhamos dinheiro para comprar lanche todos os dias e às vezes a merenda escolar não era o suficiente.

Terminar o ensino fundamental foi um desafio, mas meus pais apesar de toda a dificuldade e de pouca formação reconheciam a importância do conhecimento na minha e dos meus quatro irmãos. A dificuldade para terminar o ensino médio não foi diferente, mas me senti realizada ao olhar sorriso no rosto de meus pais e saber que tinha conseguido realizar o sonho deles.

Sonho realizado, agora é trabalhar para sobreviver, pois participar de uma formação no ensino superior era impossível. Tive que deixar a escola sem perspectiva de volta, ficando dois anos parada.

Magistério foi o retorno que busquei para minha formação. Bons mestres me motivaram com carinho e respeito a buscar o conhecimento e reacender em meu peito a alegria de fazer uma faculdade. Chama acesa e muitas dificuldades para estar hoje cursando o 3º período de Pedagogia.

Sonho, esperança, tristeza, lutas, conquistas são percursos que nos faz refletir diante das circunstâncias e que nos fortalecem para alcançar nossos objetivos.

NERVOS À FLOR DA PELE

Daiana Pereira Alves

Palavras grosseiras, apelidos maldosos, podem machucar? Claro! Além de deixarem marcas para o resto da vida. Tudo aparentava estar normal em uma sala de 3º ano do segundo grau, exceto o clima de "panelinha" que dividia a turma em dois grupos. No fundo, do lado esquerdo, próximo a uma das janelas sentava Ana Clara, uma menina meiga, carinhosa, dedicada, incapaz de maltratar qualquer ser humano; se dava muito bem com todos. Diferente de Ana Clara é Joana, que se sentava à frente, próximo a porta, uma aluna que não se preocupava muito com os estudos e muito menos com as pessoas ao seu redor.

Em uma terça-feira, todos chegaram normalmente, se sentaram a espera do professor de Educação Física, quando uma das amigas de Ana Clara, Sônia, chegou furiosa na classe querendo brigar com Joana, a princípio ninguém entendeu o que estava acontecendo. Acalmaram-na.

O professor entra na sala. A aluna se acomoda e conta em voz baixa o porquê dela estar tão nervosa. Disse que Ana Clara estava preste a sair da escola, pois Joana estava juntamente com suas colegas, fazendo comentários maldosos, lhe colocando apelidos horríveis.

O professor fez a chamada e desceram para a quadra. Sônia avistou Joana indo ao banheiro e foi atrás. Suas colegas começaram a ouvir vozes alteradas e foram até lá. Chegando ao banheiro se depararam com Sônia agredindo verbalmente Joana, dizendo que ela não tinha o direito de criticar, inventar coisas a respeito de Ana Clara. Nesse momento Joana foi em direção à Sônia para agredi-la, quando uma das amigas de Sônia segurou sua mão; enquanto as outras seguraram Sônia, até que a diretora chegou, levando ambas para a sua sala, dando lhes

uma semana de suspensão e fazendo com que Joana pedisse perdão a Ana Clara, pois todos nós somos diferentes e o nosso dever é respeitar o próximo.

Infelizmente, Ana Clara não continuou naquela escola, mas se sentiu importante por ter alguém para defendê-la. Devemos sempre nos lembrar que a violência não é o melhor caminho para resolver qualquer tipo de situação, pois a violência gera violência, e no mundo em que vivemos precisamos sempre buscar a PAZ!

CONFUSÃO NA ESCOLA

Débora Gregório da Silva

Aninha era uma menina rebelde e problemática, vivia procurando confusão com os colegas de escola e até mesmo trocando algumas desavenças com alguns professores. Se por acaso alguém falasse algo que não fosse do seu agrado, pronto, já era motivo de confusão.

Certo dia ficou sabendo que Mariazinha, aluna de outra turma que estudava na sala ao lado da sua, estava dando em cima de seu suposto namorado, o Luizinho. Ela não pensou duas vezes e já foi logo pensando numa maneira de tirar essa história a limpo. No recreio procurou suas amigas que também possuíam a mesma fama dela de “encrenqueiras”. Ficaram o intervalo inteiro planejando como iriam se vingar de Mariazinha.

Mariazinha sem saber de nada andava tranquilamente pelo pátio da escola com suas amigas e de longe lá estava Aninha com a sua turminha, só de olho em sua rival, fuzilando-a com o seu olhar de ódio que clamava por vingança. O recreio estava preste a terminar, quando as duas se encontram dentro do banheiro. Mas vocês acham que Aninha tirou satisfações com a Mariazinha? Não, ela simplesmente passou por ela e lhe deu um esbarrão, como se fosse um aviso para que ela ficasse esperta.

No final da aula, Aninha foi a primeira a sair da sala, apressada logo foi dando um jeito de reunir a sua turminha e de encontrar Mariazinha. Vendo que ela não se encontrava mais nos corredores e no pátio da escola, o grupinho se encaminhou para o corredor que dava acesso ao portão de saída do colégio. Ao longe Aninha avistou sua inimiga parada e desprevenida esperando os outros alunos saírem com suas bicicletas. Era a hora do acerto de contas. Empurra Mariazinha, para fora da escola, porque briga dentro da escola é problema na certa.

Ultrapassaram os muros da escola e Aninha puxa cabelos de sua rival jogando-a com o rosto no asfalto. As supostas “amigas” para a briga ficam apenas espreitando para avisar caso chegue a diretora da escola. Ao redor das duas meninas alunos gritando: “briga”, “briga”. A confusão está armada.

Mariazinha, coitada, frágil e menos robusta que Aninha, apanhou. Saiu toda esfolada com hematomas no rosto. A briga acabou quando a diretora se aproxima com alguns policiais que as separaram. Mariazinha de tão machucada foi para o hospital. Seus pais quando ficaram sabendo do ocorrido, ficaram chocados e revoltados, que apresentaram queixa na polícia, pois o desafeto de sua filha era maior de idade.

Aninha foi encaminhada para a sala da diretora e levou duas semanas de suspensão. Quanto ao seu julgamento foi condenada a pagar algumas cestas básicas.

Algumas semanas se passaram e Aninha retorna a escola. Mariazinha por sua vez não estudava mais naquele lugar e qual não foi a surpresa de Aninha implicou e brigou com menina errada, veio a descobrir que a garota que paquerava o seu namorado tinha o mesmo nome de Mariazinha, mas não era aquela.

Arrependimento?! Não, pelos menos aparentemente. Reagiu friamente como se nada tivesse ocorrido e ainda disse:

___ “Isso serviu de lição para as outras meninas, para verem o que acontece com quem dá em cima do meu homem”.

Ela deveria se sentir envergonhada perante a essa situação lamentável e também por fazer mal a uma pessoa inocente. Reconhecer o seu erro, procurar Mariazinha para um pedido de desculpa era o mínimo a ser feito. Isso aconteceu? Não, preferiu se sentir superior a todos e assumir uma postura de violência, transmitindo ser uma pessoa fria e sem coração.

Agora fica a pergunta: Será Aninha uma pessoa feliz? O que será que esconde atrás dessa máscara de resistência?

APRENDER A SER

Élida Silva de Andrade

Hoje, minha mãe me chamou bem cedo, como faz todos os dias da semana. Levantei, tomei meu café e fui para a escola.

É dado sinal todos se dirigem para sala de aula. A professora de ciências começa sua aula e comunica a turma que irá aplicar uma avaliação que havia sido marcada há duas semanas. E agora? Não tinha estudado, esqueci.

O esquecimento, porém, não foi apenas meu. A professora também não se lembrou de rodar as provas no mimeógrafo.

Eu sentava na primeira carteira junto à mesa da professora. No momento em que ela foi rodando no mimeógrafo, aproveitei, na minha inocência de criança, para olhar as questões e então abri o livro na página que constava a matéria. Quando a professora olhou para mim e viu o que eu estava fazendo, imediatamente falou alto para a turma:

___ “Menina! Abra em outra página e vire de lado.” A turma começou a rir e a fazer barulho de vaia, somente pelo motivo da professora ter chamado à minha atenção.

Pureza de criança, não percebia que tinha feito algo tão errado a ponto ser tão “zoada”. Fiquei envergonhada e uma tristeza invadiu meu coração e a vontade chorar era intensa, porém as lágrimas não poderiam rolar; seria outro motivo de ser zombada.

Provas organizadas e imediatamente as avaliações são entregues. Frio na barriga, leitura que não me faz recordar do conteúdo ensinado, mas pensava que não poderia deixar nenhuma

questão sem fazer. Queria testar minha aprendizagem e colocar em prática as horas de explicação da professora. O tempo estava passando e não conseguia terminar a avaliação. Surgem as dúvidas, mas nesse instante não é hora de saná-las.

Todos entregam sua avaliação. Mesmo sem saber faço o mesmo, mas procuro a professora para lhe explicar o porquê, de abrir o livro na página das questões. Então a professora conversando comigo explica que todos são iguais e não poderia permitir que eu olhasse para as questões da avaliação antes dos outros e assim estudá-las.

Fui para o recreio. Brinquei muito, mas fiquei pensando também, no que ela havia tido para mim. O seu jeito carinhoso de conversar comigo me fez perceber que a minha atitude não era correta e que todos os alunos tinham o mesmo direito de ver a atividade, uma vez que mais alguém poderia ter esquecido de estudar.

“Aprender a ser” foi a grande lição que nesse dia minha professora me ensinou.

SEMPRE UM NOVO COMEÇAR

Elizangela Alexandre Oliveira da Silva

Minha vida escolar começou aos seis anos e nessa época morava em uma fazenda onde meu pai trabalhava como tratorista e minha mãe cuidava da casa e dos filhos.

Para chegar à escola, todos os dias, tinha que percorrer um caminho perigoso. Passar em uma pinguela (tronco de madeira utilizado como ponte), com um bambu dos dois lados que segurávamos para não cair no rio, porém, íamos acompanhados de nossa mãe e com muita alegria.

Chegando à escola, a professora sempre nos esperava com um sorriso no rosto e nos acolhia com carinho. Éramos poucos alunos em uma sala de aula mutisseriada; crianças da primeira, segunda, terceira e quarta série, tudo ao mesmo tempo.

Primeiramente a professora dividia o quadro negro em quatro partes e as filas representavam cada série presente. Imaginem, a dificuldade em ministrar aula para todas as séries ao mesmo tempo. Coitada! Passar conteúdos de diferentes complexidades, mas nossa professora não desistia, esforçava-se para que todos nós aprendêssemos.

Meus pais mudaram de fazenda e com isso tive de mudar de escola, o que muito me entristeceu, pois queria levar minha professora comigo. Água Emendada era o nome da nova fazenda e assim que ali chegamos minha mãe foi logo me matricular. Nova escola, novos colegas, nova professora, enfim sempre temos receio do novo e tal situação me desagradou muito, mas o que fazer? Tinha que estudar.

No primeiro dia de aula, como não conhecia ninguém, entrei e sentei lá no fundo da sala. A professora não era nada amiga, em nada parecia com aquela primeira professora que nos esperava com ternura; essa entrava em sala de aula parecendo que estava indo para um matadouro.

Aluna novata da turma, então começou perguntando meu nome e onde morava. Já estava pronto o motivo de zombaria de meus colegas, pois quando respondi o nome do local onde morava, riram e dizendo como poderia emendar a água.

Quão envergonhada me sentiu em meu primeiro dia na nova escola. Não bastando o dia escolar, foi com meu pai e meu irmão buscar lenha para minha mãe. Eu estava na carroceria do caminhão segurando para não cair, mas em um instante de distração em que a roda caiu no buraco bati com a boca na madeira quebrando um dente da frente. E agora? Como enfrentar aqueles colegas que com certeza iriam zombar novamente de mim?

Assim, no outro dia, meu pai me levou para a escola de caminhão e esse não tinha portas; mais um motivo para ser humilhada. Fui apelidada de dentuça. No recreio fiquei sozinha sentada em um canto até dar o sinal. Não lanchava, não sorria e não brincava como as outras meninas.

Ao chegar em casa disse para minha mãe que não queria ir para a escola. Meu pai foi conversar com a diretora, mas nada resolveu. Brincadeiras sem graça não paravam, então meu pai resolveu mudar de cidade.

Lá estou novamente em outra escola, o que não foi nada diferente, inclusive a professora era até mais rígida. Conversar nem um pouco, se mantinha sempre à distância, chegando até mesmo voar giz, apagador sobre aqueles que ousavam atrapalhar a aula. Eu como sempre sentada no fim da sala.

De longe sempre observava as meninas sorrirem e brincarem, mas o medo de sorrir, por muito tempo me atrapalhou, pois temia ser chamada de “dentuça”. Esse trauma carreguei por muito tempo.

Nessa mesma escola passei por outra experiência humilhante. Certo dia, tinha levado para escola um dinheiro que minha mãe havia me dado para comprar ração para os pintinhos após a saída da aula. Na hora do recreio encontrei uma das meninas que chamou algumas amigas para a vendinha, e comprou vários docinhos, inclusive me deu também. No começo achei estranho, mas comi o docinho. Quando bateu o sinal para irmos embora, notei que o dinheiro

não estava na minha mochila. Quase morri, porque minha mãe iria me bater se eu chegasse em casa sem a ração e o troco do dinheiro. Foi aí que uma das minhas colegas pediu que eu fosse até a cada dela, pois sua mãe ia me emprestar o dinheiro.

Fiquei aliviada, pois iria levar a ração, o troco e ainda não ia apanhar da minha mãe. A mentirinha não durou muito tempo, como não tinha como pagar a mãe da minha colega, contei a verdade e levei uma bronca do meu pai, mais ainda bem que não apanhei.

No outro dia, meu pai foi até a escola e falou com a professora o que havia ocorrido. Para solucionar a questão nossa professora ficou brava e nos disse que ficaríamos depois do horário da aula em virtude dos fatos. Carminha, então levantou e com a cabeça baixa, me pedindo desculpas, confessou que havia sido ela, mas falou que estava arrependida e não mais faria isso de novo.

No dia seguinte, antes do recreio, a cantineira foi até minha sala e me chamou, levando-me ao banheiro. Achei estranho, mais fui surpreendida quando encontrei Carminha para me devolver o dinheiro, e chorando me pediu perdão.

—Estou de mudança dessa cidade, mas quero devolver o que peguei e lhe dar um abraço como pedido de desculpas.

Falar da escola nos remete a tantas situações que nós, enquanto futuras professoras, temos que estar atentas, pois o ato de educar ultrapassa o que está nos livros, aliás, esse conhecimento está disponível para todos, mas ser alguém que possa fazer nosso aluno ser transformador de seu próprio ideal é o grande desafio que temos pela frente.

SUPERANDO OBSTÁCULOS

Elizângela Franco Dias Oliveira

Voltar a estudar foi um desafio, um desejo, mas também um momento de medo e angústia. Com 32 anos entrei na faculdade, uma nova oportunidade se abria em minha vida, novos amigos, novos encontros, surpresas, alegrias, conquistas, mas uma luta constante.

Início das aulas. Que sufoco! Tinha 12 anos que havia terminado o ensino médio, não tinha mais aquela facilidade de aprendizagem.

Desistir? Não! Recebi a ajuda dos meus professores, colegas e consegui superar mais um obstáculo. Eram tantos trabalhos, seminários e atividades conjuntas que aquele semestre passou rapidinho.

Percebi que a aprendizagem é como uma construção de uma casa. Um tijolo de cada vez. Mas foi a partir desse sufoco que ampliei meus conhecimentos, e continuo vencendo e construindo.

No 2º período, participamos de um seminário interdisciplinar e meu grupo ficou por conta da “escrita”, tivemos que elaborar uma peça teatral e apresentá-la. Houve muita empolgação, sentimentos que se misturam nesse instante.

Para a apresentação do trabalho, me caracterizei de criança, cabelos amarrados, pintura no rosto, roupa a caráter, parecia uma criança de verdade. Quando me retirei da sala de aula para buscar alguns materiais que estavam faltando, uma outra aluna de um outro curso me criticou pelo fato de estar caracterizada daquele jeito.

No momento de raiva me vi tomada pela situação que se passava e agredi verbalmente aquela garota, pois achava aquela situação patética.

Mas após o término da apresentação, fomos elogiados pelas professoras presentes, me senti muito feliz e até consegui esquecer a situação constrangedora que havia passado.

A cada semestre, aprendemos a crescer individualmente, adquirimos mais conhecimentos e me vejo cada vez mais capaz de me tornar uma futura pedagoga e poder ensinar a todos que necessitam de uma aprendizagem, pois confio primeiramente em “DEUS” e no meu trabalho. Espero superar todos os obstáculos que ainda estão por vir.

DE VOLTA AO PASSADO

Fabiana Lemos dos Santos

Quem não conhece a história da Cinderela ou a da Gata Borralheira?

A minha vida escolar me colocou várias e várias vezes dentro destas histórias de conto de fada, porém só vou contar a que mais marcou o meu passado escolar.

Na escola nunca tive muitos amigos, e eu era a mais escura da sala, por isso me chamavam “o carvão está vindo” isso me magoava. Ficava triste, mas não dizia nada para a professora, pois até mesmo ela me olhava de um jeito estranho.

Os meses se passaram e chegou o mês de novembro e no dia 20 iria ter uma comemoração da consciência negra e para participar todas as meninas deveriam fazer um penteado para desfilarem. Todas queriam menos eu, pois tinha o cabelo duro que pente quando entrava não saía, ou melhor, só saía todo quebrado.

A diretora que tinha muito carinho por mim pediu para que eu participasse, pois de certa maneira era uma homenagem a mim e a todos da minha raça. Até então, ninguém na escola sabia do preconceito que eu sofria. Expus meus sentimentos a ela que se mostrava carinhosa e atenta aos meus sentimentos. Prometeu que iria conversar com a professora e com os alunos, pois aquela situação não poderia acontecer em um espaço de formação. Seu jeito afetivo me convenceu a participar do desfile.

Todos conhecem a trança embutida? Para desfilarem no concurso a minha avó ficou a tarde toda trançando o meu cabelo e fez um desenho de caracol na minha cabeça.

Chegou o dia. Todas as meninas com os cabelos bem arrumados, cheio de brilhos e tique taque no cabelo e eu ali só com o cabelo trançado, me sentindo horrível. Tinha que passar a frente dos jurados, mas a vergonha tomava conta de mim. Todas desfilaram. Chegou a minha vez; subi no palco de cabeça baixa, fui andando devagarzinho até o final do palco e voltei do mesmo jeito.

No momento da apuração, estava mais triste ainda, pois acreditava que não tinha chance. Os jurados foram perguntando quem merecia o título do penteado mais bonito da consciência negra e quando chegou em mim todos bateram palmas, teve assovios e tudo mais. Naquele momento tirei um certo peso das minhas costas, me senti e percebi que o meu valor e que mesmo negra tinha o meu potencial.

Atenção! Muitas vezes o preconceito está dentro de nós.

PRIMEIRO SEMINÁRIO

Fabiane Severino Rocha

Sei que não é fácil escrever, principalmente quando se trata de relatar uma história ocorrida na escola. Antes de começar a escrever pensei em várias coisas que pudessem me ajudar a produzir a minha primeira crônica. Pensei muito, pois não queria escrever simplesmente por escrever, queria algo que relatasse algum fato importante vivenciado na sala, que tivesse sido compartilhado com meus colegas e que representasse felicidade e superação.

Prestei vestibular por dois anos seguidos, fui aprovada, mas isso não foi suficiente, porque o curso que eu desejava não formou turma. No terceiro ano, que foi em 2010, decidi optar por Pedagogia, hoje já estou no terceiro período e vejo que não poderia ser melhor, pois amo de verdade a escolha que fiz, agradeço às minhas amigas e a equipe de professores que são inspiração para eu caminhar em frente com esta carreira que educa, que transforma vidas com um grande objetivo: transformar os pequenos em grandes de sabedoria e de caráter.

Logo no primeiro período, ficamos muito apreensivos e ansiosos, pois tínhamos que nos dividir em grupos para apresentar o nosso primeiro seminário interdisciplinar.

O livro para o desenvolvimento de nosso trabalho foi “Alfabetização e Linguística.” Cada grupo desenvolveu o seu tema seguindo alguns requisitos, foi muita aflição para todos, pois falar parece fácil, mas às vezes é tão difícil quanto escrever. No dia da apresentação, fiquei ali em pé diante da classe e de duas professoras me ouvindo e avaliando o que eu estava falando, que por sinal era um assunto muito intrigante e interessante que me chamou a atenção. O tema

era como alfabetizar letrando, eu nem tinha ideia do que era isso, li o livro com muita atenção e busquei também outras fontes para poder compreender melhor o assunto.

Falei tudo o que veio à cabeça, sei que tive alguns tropeços nas palavras, mas valeu a pena, pois o trabalho foi um sucesso.

Quando chegou a vez dos outros alunos não foi diferente, todos estavam aflitos. Embora cada um tenha suas particularidades, o seu jeito de ser, de falar, e até mesmo de se expressar; todos estavam com o mesmo objetivo: fazer um trabalho sério e satisfatório.

Este dia ficou marcado e registrado para sempre, tiramos várias fotos, sorrimos bastante. Cada minuto desse dia foi valioso, dividimos as dificuldades de cada um e as alegrias também e no final aquilo que parecia um “bicho de sete cabeças” foi apenas um pequeno obstáculo que foi superado.

UM SONHO DE ESCRITA

Franciele Ramos

Sinto um arrepio ao recordar momentos de minha vida escolar; tenho medo das lembranças e não conseguir descrever o fato acontecido.

No ano de 1996, aluna da quarta série, estava feliz, me sentia já adulta, preste a ir para o colégio. Aluna dedicada, quase não conversava, adorava escrever; era a melhor coisa daquela serie e alguns já podiam escrever com a caneta.

Atividade de resumo era o que deveríamos fazer e em minha sala havia três alunos que repetiam a mesma série pela terceira vez e escreviam com caneta o título, subtítulo e a numeração da atividade. Fiquei olhando encantada e queria também fazer daquele jeito.

Meu Deus, para que eu fiz isso! A professora estava passando olhando os cadernos para saber quem estava copiando certo o resumo. Quando chegou na direção da minha carteira e olhou para o meu caderno, me deu um beliscão no braço e em seguida arrancou a folha do meu caderno, embolou e disse:

___ Quem lhe deu ordem para escrever a caneta? Sua letra e horrível!

Saiu em direção a porta e jogou a folha do meu caderno na lata de lixo. Fiquei sem palavras, com muita vergonha que comecei a chorar baixinho. Quando consegui me acalmar perguntei a professora:

___ Porque os três alunos podem escrever a caneta e eu não posso?

___ Porque você não sabe escrever nem a lápis, pior ficará a caneta. E mais, quero que pegue a folha que joguei no lixo e copie o conteúdo que passei no quadro, para eu poder dar visto.

Todos os alunos que ali estavam, me observava. Eu estava completamente trêmula, magoada com a professora, mas mesmo assim, tive que levantar e ir até a lata de lixo da sala para pegar a folha do caderno, pois assim que terminou de falar comigo ela a pagou o quadro.

Dias se passaram, até chegar o dia da gincana de redação. Os alunos de todas as salas fariam um texto com o tema, “O quero ser quando crescer?”, e a melhor redação ganharia uma bicicleta.

Fiquei ansiosa, adorava escrever, tinha muitos sonhos, então para mim foi fácil. Os professores escolheram dez redações e uma delas era a minha. Fiquei me sentindo poderosa, pois me dedicava muito. Queria ensinar igual alguns de meus professores anteriores.

Para escolherem a melhor redação, tínhamos que passá-la a limpo para a folha chamex e a caneta. E agora, eu não sabia escrever a caneta, e ainda em folha chamex sem pauta. Veio uma aflição. A professora entregou a minha redação junto com a folha chamex e disse - “escreve com capricho”.

É! Não tinha outra opção senão vamos escrever. Logo no início já errei; passei corretivo. Depois não soltei espaço para fazer o parágrafo; passei corretivo de novo. A professora vendo aquela situação me deu outra folha, pois não podia ter rasura, mas não adiantou aconteceu tudo de novo, cometi muitos erros na minha linda redação. Eu não tinha culpa, a professora não deixava copiar a caneta, como iria aprender!

Entreguei a redação pronta com os erros, para a professora, sabem o que ela fez? Me chamou na carteira dela, pegou a minha redação levantou para cima, mostrando para os alunos, dizendo:

___ Alunos olhem uma redação perfeita, mas sua autora é incapaz de repassar o seu conteúdo a caneta, uma coisa simples dessa, como eu que sou professora de vocês entregarei um lixo desses para a diretora!

Quando terminou de falar ela rasgou a minha redação e ainda completou:

___ Você está sonhando errado, pois “você nem escrever sabe, como poderá ensinar, se nem para você mesma você sabe!”

A partir deste dia, eu nunca mais me dediquei a redação passei a odiar português, não participei, mas de trabalhos em grupos, principalmente aqueles que deveriam ser apresentados na frente da sala para todos os alunos.

Hoje me emociono ao escrever este texto. Tinha desistido de ser professora, pois o trauma ficou, mas hoje faço pedagogia e tenho a oportunidade de contar a importância de um ato de escrever. Achei que não fosse conseguir, mas venci.

QUEM COLA CAI DA SACOLA

Francieli Terezinha de Souza

Nem sempre dizer a verdade soa bem aos ouvidos do outro. Às vezes ela dói ou incomoda, por isso sempre fui tachada de rabugenta, “Caxias”, ao discordar de determinadas atitudes.

Sempre me orgulhei de ter sido uma boa aluna, notas boas, responsável obtendo um desempenho acima da média. Normalmente, era quieta e observadora, tinha boa memória e essas características facilitavam meus estudos. Formei-me aos 17 anos. Diziam-me “nossa, tão novinha e já se formou!” sim, pensava, foi com muito estudo e determinação, o que infelizmente não foi o caso de alguns de meus colegas.

Mas me lembro em especial de um episódio que ocorreu no último ano e que me marcou muito. Era dia de prova de História e estávamos estudando sobre “Presidentes do Brasil”. Eu já havia passado, mas desejava mesmo assim tirar boa nota, que não era o caso de Betânia, minha colega que sentava na segunda fila, na terceira carteira, logo a minha frente. Ela era muito esforçada, mas tinha dificuldade, porém, nunca a presenciei tentando colar, até aquele momento.

__ Betânia, o que você está fazendo? Perguntei, já sabendo de que boa coisa não poderia ser.

__ Cola – respondeu lacônica.

__ Como assim, “cola”?

__ Estou anotando tudo o que vai cair na prova, neste papel, depois é só copiar e pronto!

Naquele momento percebi realmente o que estava acontecendo. Sentada diante de Betânia, tentei argumentar, mas foi em vão, tudo inútil.

Pensei que quem cola passa a achar a coisa mais natural do mundo usar de artimanhas para atingir o sucesso. Lembrei do ditado: “Quem não cola, não sai da escola”. Será que só se dá bem na escola e na vida quem engana, mente e trapaceia? Onde está a ética? E logo à minha frente, isto estava acontecendo. Sete horas, toca o primeiro sinal. Todos estão à espera da professora que ainda não chegou. Olhando para Betânia fiquei perdida em pensamentos.

Sete e dez da manhã, segundo sinal toca. Todos se ajeitando em suas cadeiras. O som dos saltos da professora pôde ser ouvido nos corredores. Uma pequena professora entra na sala de aula, carregando alguns livros, diários, e as tão sonhadas e temidas provas! Alguns alunos observavam, enquanto outros pareciam imersos em seu próprio mundo.

Sentada diante da prova, eu via Betânia pegar o papel da cola. “Droga”, reclamou Betânia, caiu no chão! Tentou espichar o pé e colocar debaixo do sapato, mas não havia jeito. A professora percebeu o movimento suspeito e continuou a dirigir para seu lado. Enquanto passava por entre as carteiras não tirava os olhos de Betânia, que essa altura já tremia mais que vara verde, já que estava quase tendo um ataque de epilepsia...

A professora parou ao seu lado que estava ligeiramente arqueada para frente com as pernas abertas e resmungou:

__ Senta direito. Isso lá é jeito de uma moça sentar?

Virou as costas e voltou ao seu lugar. Betânia aproveitou o momento e pegou a cola e logo desapareceu com ela. Um suspiro de alívio saiu de seus lábios e endireitou na carteira. Olhou para a prova, mais da metade sem fazer. Nesse momento tomou uma decisão, levantou-se foi à mesa da professora e colocou a prova sobre ela. Depois saiu da sala, aliviada.

Eu sabia que a nota dela não seria lá aquelas coisas, poderia até pegar recuperação, mas a única coisa que eu tinha certeza, é de que qual fosse o resultado dali pra frente ela iria conseguir honestamente. Enfim, em relação àquele ditado, eu mudaria, pois “quem cola cai da sacola”.

MEU PRIMEIRO BEIJO ESCOLAR

Gisele Vieira da Silva

Lembro-me como se fosse hoje, tinha 14 anos e cursava a 8ª série. Minhas amigas, todas namoravam, menos eu. Elas estavam felizes por ter um namorado e eu não tinha o que dizer sobre a alegria do encontro de duas pessoas que se gostam. Todos os dias era uma festa. No horário do recreio sentávamos nos bancos embaixo de um ipê no meio do pátio. Parecia que o local estava com a placa: RESERVADO. Havíamos tomado posse daquele lugar e ninguém se atrevia a reivindicá-lo. Eu sempre estava lá dando gargalhadas das aventuras das minhas amigas e sempre sem novidade alguma para contar. Nunca tinha beijado na boca, nem um selinho, muito menos o tal beijo de língua. Que nojo! Só de pensar meu estômago embrulhava.

Para provar aos amigos da escola que poderia também ter um namorado, resolvi ceder aos olhares de um rapaz do segundo grau, mais velho que eu, e com certeza mais, experiente. Começaram as trocas de olhares. Todas às vezes, no horário da saída, lá estava ele. Vamos chamá-lo de Beto. Não o considerava bonito, mas entre as garotas ele fazia sucesso, bem popular, jogava no time da escola, como atacante, corpo atlético, tinha um belo sorriso e parecia ser bem educado. Todas as meninas o cobiçavam.

Na manhã de uma sexta-feira fui à pracinha em frente a escola conversar com ele. Ele me disse muitas palavras bonitas e perguntou se eu gostaria de namorá-lo. Meu coração

disparou minha boca ficou seca, faltou-me o ar. Logo após alguns segundos consegui falar algumas palavras que mal dava para ouvir. Meio sem graça e tímida disse “sim” e começamos naquele dia um romance. Apenas deixei que ele pegasse em minha mão e me levasse até a metade do caminho para a minha casa. No dia seguinte fui assunto da reunião. Durante vários dias ele me levava até a metade do caminho e nada de beijo. No final de uma tarde ele me cobrou o beijo tão esperado. Com emoção fechei os olhos esperando o grande momento.

Lentamente ele colocou seus lábios nos meus!

O beijo? Hum! Foi extasiante, me fez tremer; mas num impulso, dei um empurrão e sai correndo para casa ofegante. Credo! Foi assim meu primeiro beijo escolar, sem contar que fui alvo de muitos blá blá blá. Depois de uns dias pude beijá-lo normalmente podendo assim entender o processo natural de simples beijo.

Lembranças do primeiro amor, do primeiro olhar, do primeiro encontro são momentos que também fazem da escola um local onde aprendemos a conviver uns com os outros ...

MINHA ESCOLA ERA DE LATA

Gláucia Maria de Souza

O dia começou com vários raios solares entrando pelas frestas das telhas de barro e pelos buracos das portas de madeira. Estava muito ansiosa, pois era o meu primeiro dia de aula. Preparei-me com muito zelo, coloquei o meu uniforme de escola que era uma camisa de tergal branca e uma saia plissada azul marinho, naquela época usavam-se congas azuis e meias de nylon brancas e as meninas usavam lindos laços e fitas nos cabelos. A hora chegou e lá estava eu na porta da escola para entrar com entusiasmo e cheia de expectativas, pois não conhecia a escola por dentro.

O portão foi aberto e fiquei muito surpresa, pois a escola que ia estudar era de LATA, tinha uma secretaria, os banheiros, a cantina construída de tijolos, mas, as salas de aula eram de lata de verdade. Naquela época eu não conhecia o material, mas hoje posso dizer que se parecia com contêiner metálico ou construído em aço galvanizado, com cobertura de telha de amianto. Eu fiquei observando, e olhando quando de repente foi feita a chamada para acompanhar a professora até a sala de aula.

A emoção tomava conta de mim, pois era uma nova sensação que eu ainda não tinha sentido.

De repente entra a professora, que linda fiquei apaixonada por ela nos primeiros instantes que a vi, foi amor à primeira vista.

Os cadernos novos tinham cheirinho e sabor de querer aprender tudo de uma só vez. A emocionante descoberta das primeiras letras, os sons das palavras novas, as músicas, e eu estava celebrando tudo, de uma forma inigualável. A hora ia passando e não queria que a aula terminasse quando, de repente começou a chover e as gotas fortes de chuva começaram a cair nas paredes e no telhado da escola, fazia calor a acústica da sala era ruim e o barulho de lata era bem alto. Fiquei surpresa, pois jamais poderia saber que existia uma escola de lata. Os alunos ficaram todos espantados e eu ficava vendo tudo acontecer de uma forma bem tranquila, me sentia segura naquele lugar.

Fiquei esperando a professora ir até a minha carteira para me ensinar alguma coisa, e ela visitava um por um, com carinho e muito amor, quando chegou minha vez me elogiou e fiquei toda encantada com sua exuberância e atenção, pois ela se assemelhava muito com alguém que eu amava e amo muito, minha mãe.

Quando a aula terminou, cantamos e alegramos, e fomos para casa cheios de novidades para contar para família.

Essa história me traz muitas lembranças que guardo com muito amor e carinho, pois o amor pela escola de lata me fez conhecer o mundo de tal forma que até hoje está no meu coração. Foi nessa escola de Lata, que tive a oportunidade de aprender as primeiras letras e conhecer pessoas tão especiais como a primeira professora, os meus colegas, e todos aqueles que de uma forma contribuíram para que eu desse os primeiros passos para aprender e conhecer o mundo do saber o qual levarei para toda a minha vida as recordações que farão parte da minha vida escolar e cada época faz a sua alegria de uma maneira contagiante e inexplicável.

MEU PRIMEIRO DIA DE AULA

Iani Aparecida de Souza

Levantei bem cedinho para que a manhã passasse bem rápido. Mamãe olhou-me com um sorriso especial: era o primeiro dia de aula. Olhei várias vezes para o meu uniforme que estava sobre a minha cama. Era tão bonito, com cheiro de novo. O meu sapato também era novo, acompanhado de um par de meias branquinhas. Em cima da mesinha, meu material escolar: cadernos, lápis de escrever, régua, borracha, apontador, lápis de cor, cola, tudo era novidade para mim. Como seria a escola onde eu iria estudar? Meus colegas, minha professora, eu estava curiosa e ansiosa que nem conseguia brincar. As horas pareciam que não passavam. Será que o relógio havia parado?

__ Menina, para de ficar olhando a todo instante para seu uniforme! Dizia mamãe.

Eu nem importava, pois para mim era maravilhoso olhar tudo aquilo ali, só meu, todinho meu. Eu sei que foi com muito sacrifício que compraram meu material, ninguém precisou me contar, mesmo de pouca idade, as crianças percebem o que acontece em sua volta. Antes do almoço, tomei um banho com um sabonete bem cheiroso, lavei meus cabelos e coloquei uma linda fita para realçá-los. Acredite, pela primeira vez não esperei que me mandasse tomar banho. Olhei várias vezes no pequenino espelho no quarto de mamãe. Rodopiei segurando a saia. Adorei! Era um sonho.

Como seria minha escola, meus coleguinhas e a minha professora? Como eu estava curiosa. Mamãe segurou-me pela mão e com a outra minha pasta. O caminho parecia longo. Eram ruas e ruas, até que mamãe disse:

— Olha, filhinha, a escola onde você vai estudar!

Meus olhinhos brilhavam. Como parecia grande. Funcionava em um casarão antigo, com enormes janelas e portas de madeira. Era toda branca, com janelas azuis, parecia mesmo um céu. Na frente, enormes e frondosas árvores que davam uma gostosa sombra. Quantas crianças reunidas! Era uma confusão de gente falando, que mal dava para escutar. Agarrei bem forte na mão de minha mamãe. Ela me olhou carinhosamente e me transmitindo segurança. Afinal, eu tinha apenas sete anos e era a primeira vez que ficaria longe de minha mãe. Mas não estava com medo, apenas ansiosa.

A diretora recebia todos os alunos no portão com um sorriso carinhoso, que lembrava minha avó e ia colocando as crianças nas filas certas para ir para a sala de aula. Ela me colocou na fila errada e durante um bom tempo fiquei em uma sala sentada em uma mesa de madeira que acomodava quatro alunos. Desenhei um bom tempo, enquanto as horas passavam. Não sei quanto tempo se passou, quando vieram me buscar, eu deveria estar em outra sala e aquela não era a minha turma!

Minha professora se chamava Ana, e tinha os cabelos muito lisos e pretos e era muito meiga. Meus coleguinhas eram todos do meu tamanho e tinha mais meninas do que meninos. Será porque os meninos gostam de estudar menos do que as meninas?

Na hora do recreio, antes do lanche, a gente lavou as mãos em um lugar cheio de pias pequeninas e fundas. O sabonete era tão cheiroso que eu me lembro até hoje. Eu não tive medo, foi tudo muito tranquilo. Mas, quando eu penso no meu primeiro dia de aula eu fecho os olhos e sinto o cheirinho do sabonete e lembro-me do sorriso de minha primeira professora.

INESQUECÍVEL

Janaina da Silva Soares de Lima

Finalmente havia chegado o grande dia, meu primeiro dia de aula, as expectativas eram grandes e o nervosismo tomava conta de mim, afinal eu não conhecia a escola e meus amiguinhos, como eram mais velhos, estudavam em outra escola.

Quatro e quinze da manhã era a hora que eu tinha que levantar para ir à escola, pois morava na roça, mas para mim não tinha problema, pois eu estava muito feliz, afinal de contas iria estudar e isso para mim era maravilhoso, mal podia esperar a hora de chegar à escola e pensava pelo caminho: Quem será minha professora? Como será a escola? Será que farei muitos amigos? Como seriam as aulas? Chatas ou animadas, me perguntava durante todo o caminho.

Foram duas horas e meia de viagem até a escola, mas na chegada tive uma surpresa, fiquei com medo, não queria mais entrar ali, no pátio, ao invés de crianças correndo por toda parte como eu imaginava, havia crianças chorando por todo lado, agarradas nas pernas de seus familiares, por um instante pensei que escola era um lugar muito ruim, qual era o motivo daquele choro todo? Acabara ali, no portão, minha empolgação pela escola.

Depois de um tempo observando aquela cena que se passava ali veio em minha direção uma senhora muito simpática e calma que me acolheu e levou-me até outra mulher que seria a minha professora dali em diante. Calada o tempo todo, fui ao encontro de outras crianças e formando duas filas uma de menina e outra de menino fomos para sala, fiquei maravilhada ao

entrar e me deparar com aquela decoração linda, colorida e bem chamativa, cheia de letras e números.

A professora era linda e atenciosa, apresentou-se à classe e ouviu o nome de cada um. Aprendi muito com ela, e apesar de já saber ler, fingia que todas aquelas letras que ensinava eram novidades para mim, assim como para as outras crianças, afinal não queria decepcioná-la e nem ser tratada com diferença.

Como eu era uma menina tímida, nunca fui de muitas amigas, mas prestava atenção em tudo que estava a minha volta, em cada detalhe para chegar em casa e contar ao meu irmão mais velho, aprendi muito naquela escola, e tenho boas recordações dali. Meu primeiro dia de aula foi um pouco diferente do que eu imaginava, mas voltando para casa estava eu de novo imaginando como seria o dia seguinte.

NOVAS DESCOBERTAS

Janaína de Oliveira Silva

Em uma bela manhã de segunda-feira, Luciana estava se preparando para a volta às aulas. Aquele era seu último ano no colégio, estava toda empolgada em rever seus colegas, conhecer seus novos professores e reencontrar com os antigos.

Luciana era muito inteligente, era uma moça de 17 anos, adorava ajudar seus colegas quando tinham dificuldades. Todos os professores gostavam dela por ser uma aluna exemplar. Sempre que tinha dúvidas perguntava a seus professores, ou pesquisava em livros e na internet.

Certo dia durante um debate na sala de aula, a professora perguntou aos alunos que curso eles gostariam de fazer.

Todos disseram: agronomia, direito, administração, medicina, veterinária, dentre outros cursos. Luciana queria fazer pedagogia, pois gostava de crianças e queria ser professora para poder ensinar tudo aquilo que aprendeu de bom na escola.

Alguns anos atrás ela queria fazer medicina. Um dia foi junto com seus colegas fazer uma visita a uma faculdade, chegando lá se deparou com a sala de anatomia, logo mudou de pensamento.

E então achou melhor cursar mesmo pedagogia, seus pais e professores apoiaram-na bastante e adoraram sua ideia.

O ano foi chegando ao fim e Luciana estava estudando bastante para ser aprovada no vestibular para pedagogia. Aquele era seu grande sonho.

O grande dia chegou Luciana já iria fazer o vestibular. Passados alguns dias saiu o resultado e ela foi aprovada em primeiro lugar em pedagogia na faculdade de sua cidade natal.

Todos comemoravam com alegria a vitória de mais uma etapa da vida de Luciana.

ATO DE SUPERAÇÃO

Joana D´arc de Moraes Souza da Silva

O aprender é algo bem complexo, não está ligado apenas a escola.

O aprender vai além do ler e escrever.

O aprender é preciso na vida do homem (indivíduo), pois precisa aprender andar, falar, ouvir ainda que seja “natural do homem”. Ele precisa de alguém que o conduza ao aprender. O homem aprendiz é como uma árvore robusta, viçosa, irradiante, quando a vemos não imaginamos o que passou, enfrentou, sofreu para tornar-se árvore. A princípio é apenas uma semente às vezes até feia ou minúscula, mas desta semente, formar-se-á bosques, florestas, porém é necessário que alguém a plante e, quando plantada precisa ter força para sair de dentro da terra e enfrentar o sol, a chuva, o vento para tornar-se uma árvore linda, forte e frutífera, mesmo assim há alguns que a lançam pedras, outros cortam-lhe os galhos.

No entanto ela não desiste de ser árvore de viver. Porque não desistiu diante do 1º problema. Vamos fazer um retrospecto da nossa vida. Tá, antes de ser concebido, veja para que isto acontecesse precisou correr, lutar com outros milhares de espermatozóides para chegar ao óvulo ai está a 1ª vitória, então você já nasceu vencedor, Pare de dizer não consigo aprender,

que fulano é mais inteligente, Deus fez todos inteligentes, “tudo é possível ao que crê”, porém deves acreditar deixar fluir a essência do aprender, do saber.

Voltando a história da semente que lutou para chegar a ser árvore, encontrando sua identidade. E você, qual é sua identidade, quem é ou quem quer ser? Uma árvore robusta e frutífera ou árvore torta, seca sem nada.

O Sebastião decidiu ser uma árvore robusta e frutífera, Pois o saber esta além do que se pode vê esta no interior do homem na sua essência.

Quando criança não teve oportunidades de estudar devido à falta de estrutura familiar, seu pai era alcoólatra, perdeu sua mãe muito cedo, então passou a morar com seus avós, entrou na escola aos 7 anos, o importante é que ele já sabia ler e escrever, mesmo estando imerso em um lar desestruturado, mostra o desejo intenso de saber e do conhecer. Nesse período sofreu bullying por ser gordo, era excluído dos grupos, e seus colegas faziam chacota, devida tanta pressão decidiu sair da escola aos 13 anos.

Onde ele aprendera a ler e escrever muitos se perguntam? Nos livros e revista que encontrava, unido pelo desejo de aprender, porém o que mais chamara a atenção na vida do Tiãozinho como era conhecido, é que é portador de uma doença rara por nome de Retinose Pigmentar, ou seja, uma deficiência visual, e devida essa deficiência sentava-se à mesa da professora, pois não conseguia enxergar no quadro. Daí a importância do professor na vida de uma criança, na questão da relação/professor/aluno, o professor tem em suas mãos o poder de marcar a vida de uma criança tanto positivamente como negativamente. No decorrer de sua vida passou adotar uma linguagem na 2ª pessoa por achar mais bonita, rápida e por dá ênfase ao que queria falar, inclusive foi tema de estudo de um professor, essa sua maneira de expressar-se, pois morava na cidade de Ibiá - Minas Gerais, que não tem essa característica.

Mesmo depois que saiu da escola por falta de oportunidade, continuou em busca de conhecimento em todos os meios, ou seja, livros revistas jornais, etc... Com 26 anos se casou, aos 40, após 26 anos retorna a escola, com 3 anos termina o ensino fundamental e conclui o ensino médio, pois na sociedade em que vivemos não importa o apenas saber, o conhecer é preciso ter um diploma, no entanto na sociedade valoriza-se mais “ ter” do que o “ser” .

Mas, ele não parou continuou em busca do conhecimento, fez o curso de bacharelado no IBAMDETRIM (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Triângulo Mineiro), e hoje faz parte do quadro de professor na escola bíblica dominical na igreja.

A criança que entrou com 7 anos na escola e já sabia ler e escrever, não deixou morrer o desejo, o anseio de aprender mesmo em meio aos problemas, a perda, a deficiência visual, conseguiu vencer o sol, a chuva, ao vento e hoje tornou-se homem com um caráter maravilhoso e com um conhecimento que muitas pessoas que estão cursando o curso superior não o tem. E este é o único que ninguém pode tomar. O contexto histórico cultural desta criança tinha tudo para ter outro final, mas o desejo de aprender, do conhecer do saber estava acima, e o mais importante estava no seu coração, pois “o sábio de coração será chamado de prudente”...

Aí está um ato de superação, apoiado no prazer de aprender que continua brotando no seu ser como uma fonte que jorra água cristalina, mesmo não tendo uma “visão perfeita”, consegue ver, com os olhos do coração, diferente de muitas pessoas que dizem ter uma “visão perfeita”, não conseguem enxergar um palmo do seu nariz. Contudo o melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro. Porque o ouro pode lhe ser tomado, mais a sabedoria, essa ninguém pode lhe tomar.

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO CAMINHAM JUNTAS

Laura Maria Mota Rosa

Mais um fim de tarde, e depois de muito andar para conseguir alguns trocados, continuei caminhando até a praça onde eu dormia todas as noites. Logo que cheguei avistei no banco de madeira da praça uma mulher sentada, de cabeça baixa, aparentando ter seus trinta anos. Era notável o vento tocando seus cabelos, toda quieta, pensativa. Eu, porém, não consegui ficar sem observar aquela mulher, até que olhei para o lado, e um homem alto, com boa aparência se aproximava dela.

Observar aquela cena me acalentou o coração e sozinha comecei a sorrir, pois senti que apesar da tristeza do olhar da mulher, ainda existe romantismo. Ilusão a minha. A conversa não foi nada interessante, pois, o homem se aproximou, sentou ao seu lado e a mulher continuava de cabeça baixa, aparentemente muito triste. Em poucos segundos ela abraçou forte o rapaz e desabou a chorar.

A curiosidade em saber o que se passava me fez ajeitar no banco próximo a eles, e me deitei, com a intenção de dormir, pois no outro dia seria mais uma longa caminhada para conseguir algum dinheiro.

Eu tinha 14 anos de idade e já corria atrás do meu dinheiro como podia, pois não tinha uma família que fizesse isso por mim. Pensava deitada naquele banco da praça como eu queria ser uma criança normal e poder estudar, brincar e ser feliz como todas as outras. Logo meus pensamentos foram interrompidos com a voz fraca e de choro da triste mulher, dizendo que não tinha mais razão nenhuma para continuar seguindo em frente, pois ela havia perdido o que tinha de mais precioso, e logo a vi alisando sua barriga.

Tentei imaginar como seria ter uma mãe sempre ao meu lado, pois fui abandonada logo que completei cinco anos. Tantas mulheres querendo e não podem ter filhos, outras têm e abrem mão deles. Quem sabe um dia ainda compreenda esse mundo cruel. E com esses pensamentos acabei adormecendo até que sinto alguém me tocando. Revirando abri os olhos e vi a moça triste, que me olhava com pena. Levantei depressa, amarrando meus cabelos, que estavam duros de tanta poeira e sujeira.

Ela me olhava sem parar, sem dizer nenhuma palavra, mas até parece que lia os meus pensamentos. Segurou minha mão e me levou até a única barraquinha de cachorro quente que ainda não havia saído da praça. Depois de pegar o lanche, voltamos para o banco e continuamos em silêncio absoluto. Comia rápido e com vontade, como se tivesse alguém tentando tomar o meu lanche, isso era a fome de dois dias seguidos sem nenhuma alimentação.

Nenhuma das duas resolveu quebrar aquele silêncio e assim que acabei de comer, fui me ajeitando novamente no banco, para dormir, pois não demoraria a amanhecer e o trabalho começar. Não demorou muito e acabei dormindo. Quando acordei pela manhã, não vi mais o casal, e passei o dia pensando onde moram, e desejando que a moça triste estivesse melhor. Depois de muito trabalho, logo voltei para o meu “lar”: a praça.

Naquele mesmo lugar vejo novamente a moça triste. Essa assim que me viu, sorriu sem graça e se aproximou. Retribuí o sorriso e continuamos em silêncio, a mulher se perguntava por que não fazer por mim, o que faria para o filho que perdeu e desejava tanto? Talvez fosse esta a oportunidade que esperei a vida toda. Já estava anoitecendo e ficando frio, e seria a primeira vez que passaria uma noite fria, em uma cama confortável e aconchegante. Já estava deitada quando o casal entrou pela porta do quarto, os dois sorriram e apagaram a luz.

Pensando nesse casal que me acolheu, percebi que as pessoas não são nada sem uma família, que pode ensinar valores, uma ótima educação e acima de tudo, oferecer muito amor e carinho, com esses pensamentos adormeci.

No dia seguinte, conheci o meu segundo lar, a escola, que era uma das maiores alegrias que recebi após conhecer a minha família. Fui muito bem recebida, tanto na minha verdadeira família, quanto na minha escola, e estava muito realizada, por ter conseguido as duas coisas que mais almejava e precisava na vida, uma família que me amasse e uma escola onde eu pudesse ter novos conhecimentos e aprender a ser cada vez melhor.

SOMOS FELIZES E NÃO SABEMOS

Letícia Batista de Araujo

Em uma plena noite de luar, ao som de uma linda canção, viajo no tempo e quando percebo, tento entender por que é tão bom escrever, ler e me recordo de lembranças que para sempre estarão aqui fazendo a composição de minha história, a minha infância.

Como era especial cada dia na sala de aula, guiada por aquela pessoa que eu queria ser, quem eu sempre imitava em minhas brincadeiras desde seu jeito, sua letra, até sua maneira de vestir e falar, para mim era meu espelho. Cada dia levava novidades, me mostrava um mundo novo, aqueles filmes que me faziam sentir como um de seus personagens. Livros tão grandes, cheios de imagens que me despertavam um desejo de viajar e conhecer outros lugares, e histórias incríveis. Diariamente me apresentava palavras e surpresas inéditas, me proporcionava brincadeiras que me permitiam desenhar, cantar e interagir com tantas outras crianças, e isso me fazia tão feliz. Era aquela pessoa inesquecível que me levava a verdadeiros tesouros que até então, ainda não tinha tido a oportunidade de descobrir.

Como as semanas passavam rápido! E quando percebia já era fim de semana, só restava torcer para que passasse bem ligeiro para a próxima aula chegar. As férias pareciam uma eternidade. Tínhamos prazer em aprender. Víamos mágica nas simples coisas e, é por isso, talvez que nossos olhinhos sempre transmitiam um brilho às outras pessoas, sorriamos até ficarmos sem forças, sem motivo, brincávamos sem ao menos termos, no momento, um brinquedo.

Era desde a infância quando os vestidos longos de minha mãe, os sapatos que ainda sobravam nos pés me serviam para ser igual àquela pessoa tão admirável, revistas com nomes dos meus colegas, para mim, era a presença deles ali para aprender comigo e acabava passando de forma imaginária tudo o que aprendi. Toda falta de conhecimento e tempo de meus pais eram recompensados graças a esta pessoa que escolheu seguir uma das mais lindas profissões. Um tempo tão bom que voou e quando percebi já era hora de me despedir daquela que fez minha infância ser mais que especial. Surgiram outros mestres, mas já éramos considerados como verdadeiros aprendizes, portanto passaram apenas a nos mostrar caminhos e cabia-nos escolher um para seguirmos.

Como seria insuportável não saber ler e escrever, ver apenas códigos, não entender, não saber, como seria crítico não conseguir ao menos desvendar tantas histórias mágicas que existem nos livros, se não conhecesse a música, tenho plena certeza de que meu mundo não seria rodeado de tantas flores, nem teria ideia de como o planeta é lindo, devo tudo àquela que por tão pouco tempo se dedicou a me mostrar um pouco do que sabia.

Foi graças a esta pessoa que hoje vejo o quanto a infância passa rápido e o que nos fica são apenas as lembranças e o saber que funcionam como um troféu que levaremos pelo resto de nossas vidas e que ser professor é mais que apresentar o mundo, é fazer este mundo pertencer a cada um, é mostrar que a vida é feita de detalhes e são estes que fazem toda a diferença. Ser alfabetizador é mostrar em pequenas coisas o quão lindo e complexo é o viver, é fazer com que pelo passado cada um escreva seu futuro. E que se temos de crescer é porque temos a tarefa de fazermos também feliz a infância de muitas crianças.

A GAROTA QUE GOSTAVA DE LER

Letícia Mendonça da Silva

“Ler é sonhar pela mão de outrem”. (Fernando Pessoa)

A arte de ler é adquirida pelo hábito da leitura. Na maioria das vezes precisa-se do incentivo dos pais e professores.

Não sei por que, mas desde criança sou fascinada pelo objeto livro. As cores, o tamanho, o cheiro, tudo isso me desperta a curiosidade. Mesmo sem conhecer uma letra, ficava horas folheando os livros que mamãe comprava, ou que minhas tias me presenteavam. Os desenhos atiçavam a minha imaginação, era como se eu estivesse dentro do livro. Inesquecível foi ,quando na escola descobri o segredo , de juntar letras, formar sílabas que formavam palavras e que ganhavam um significado especial quando se uniam numa frase. Foi uma sensação gostosa, uma verdadeira magia.

Na sala de aula, tínhamos o cantinho da leitura que para mim era o meu lugar predileto. Considerei uma grande descoberta ao perceber que o texto e a imagem estavam relacionados. Adorava a história da Bela Adormecida, dos Três Porquinhos, do Boneco de Madeira que falava, todos esses personagens ficavam nos meus pensamentos alimentando meus desejos de conhecer novas histórias, fábulas e poesias.

Com o tempo, a leitura foi se tornando um hábito prazeroso. Recebi vários prêmios como melhor leitora. Meus professores logo notavam o meu interesse especial pela leitura. Eu vivi aventuras incríveis sem sair do lugar, fui transportada para mundos diferentes. Senti amor, ódio, medo, em cada página lida.

Aos poucos passei a ter uma forma nova de perceber as coisas. Afinal a escola foi uma ponte entre mim e a leitura. Mostrou-me o prazer que a leitura oferece e os sentimentos que um bom livro desperta.

A pessoa que lê nunca está só, porque ler nos transporta para um mundo onde temos a sensação de nos colocarmos no lugar do outro e ao final, sempre nos tornamos pessoas melhores.

O livro é uma fonte inesgotável do saber. Sem ele a escola não caminha, morre a cultura de um país, não há progresso e a vida para.

DESAFIO E EMOÇÕES

Lucia Marques de Aguiar Curriasi

Ao decidir fazer o curso superior em Pedagogia, surgiu muitas dúvidas, será que vou conseguir, será que vou adaptar aos novos colegas? O que vou aprender? Chegou o grande dia e muito “ressabiada” fui. Foram apresentações, gincanas, vieram os trabalhos as provas tudo uma loucura, às vezes eu pensava, não vou conseguir, era muito pra minha cabeça, mas com a força dos colegas, os trabalhos feitos em equipe fui superando meus próprios limites.

Vieram os estágios. Fui para a creche. Adorei conviver com aquelas crianças tão indefesas, mas com um potencial de gigante. Foi ali que aprendi ser mais observadora. Aprendi também ver as coisas com outro olhar, um conhecimento diferenciado de mundo.

Como todo estagiário temia aquele momento de ficar sozinho com os alunos; eis que aconteceu o inesperado! A professora teve que sair e me pediu se podia ficar com a turma dela.

Ficou uma colega e eu; meu Deus! Foi o maior sufoco da minha vida, esses meninos viraram a sala de perna pro ar; corriam de um lado pro outro. Pedíamos para fazerem círculos, e nada! Eles faziam é correr. Colocava folha para eles desenharem, eles rabiscavam, rasgavam, faziam bolinhas; resolvemos então nos juntar a eles. Fomos brincando. Eles jogavam bolinha de papel e também. Só com a chegada do almoço é que conseguimos acalmá-los.

Mas foram horas encantadoras, e alegres neste estágio.

No período seguinte, na faculdade, já estava mais desinibida, com outras ideias, outros conceitos, tudo era maravilhoso: novos professores, novas matérias. Em uma dessas matérias, Educação Em Espaço Não Escolares, fizemos projeto de estágio. Cada grupo escolheu o local onde iria participar.

Meu grupo escolheu fazer na casa de repouso, Lar dos Idosos. Até então, nunca havia ido a um asilo. Chegamos lá fomos apresentadas as pessoas que lá residem. Conversamos, jogamos cartas de baralho, ouvíamos as histórias deles. Muitos contavam, outros nem falavam, e fomos nos tornando uma espécie de refúgio para eles. Quando chegávamos eles já vinham ao nosso encontro todos sorridentes.

Numa dessas conversas, um senhor, que vou chamá-lo de Sr. João, me perguntou:

___ A senhora quer ouvir uns versos?

___ Sim, quero.

Ele se sentou a minha frente com um olhar perdido no nada e começou a recitar. Os colegas dele começaram a fazer críticas; uns diziam, pare com isso João, coisa feia João, e ele ali naquele momento estava sozinho não ouvia nem via ninguém, o quão absorto estava em seus pensamentos.

Eu estava sentada a sua frente e enrolava uns pitos de papel para outro senhor. Quando João iniciou os seus versos, parei, pois senti que naquele momento ele não falava, não recitava, apenas lamentava, pois falava da família, da infância com tanto clamor. Relembra o pai, que com certeza o cercava de cuidados e apreços. No momento em que ia falando suas lágrimas escorriam pela sua face. A cena ficou cravada no meu peito. E aquelas palavras? Jamais serão esquecidas.

Em versos ele dizia.

Ô menino! Levanta!

Vai pra iscola

Procê i istudá

Pois se não vai pra iscola

Vai pra roça capiná

Vai crescer vira homem forte

Pra um dia se casá

E ter muitos fijos

Pra ocê criá

Senão quando ocê fica veio

Quem é que vai te oiá

Quem é que vai te oiá

Quem é que vai te oiá

Quando ele terminou de falar, silencioso em sua solidão, olhar perdido, fui ao seu encontro encostei meu rosto ao dele deixei que minhas lágrimas se misturassem as dele. Aquele senhorzinho tão indefeso se sentindo sozinho no mundo, neste mundo de pessoas egoístas, pessoas más, com certeza pessoas que também foram rodeadas de carinho, e hoje tiveram a coragem de abandoná-lo como se fosse um objeto em desuso.

Em meio a tantas descobertas, tantas emoções, sigo meu caminho. Crescendo e aprendendo cada dia mais como ser humano e como futura pedagoga. Espero realizar meus sonhos de um dia poder ajudar mais as pessoas.

A VIDA DO OUTRO LADO DO MURO

Mônica Ayumi Neto

Entrar na faculdade é um sonho de muitos. Entramos com o intuito de estudar, ter uma profissão e encontrar um bom emprego, mas faculdade não é só isso, vai além, muito mais além. Aprendemos a ver a vida de outra forma, de outra maneira, amadurecemos, basta nos colocarmos por um instante no lugar das outras pessoas e percebemos que a vida é bela e que o sol brilha para todos, e foi assim em um simples momento que vi minha vida mudar de um dia para outro.

Eu estava no segundo período do curso de pedagogia, quando tive o desafio de fazer o estágio em um asilo, foi uma experiência incrível, aqueles rostos nunca mais sairão da minha memória. Os idosos me olhavam como se necessitassem de carinho e de um abraço apertado de amigo, era fácil ver nos olhos deles que eles precisavam de um pouco mais de atenção, embora fossem bem cuidados, eles sentiam falta das pessoas de fora, dos familiares e da sociedade.

Escutei muitas histórias, alegres e tristes, alguns deles gostavam de cantar e quando eu pedia para tirar foto com eles e davam um sorriso, eu sentia a emoção tomar conta de mim. Doía ouvir aqueles que pediam para que eu os levasse embora, que não queriam mais ficar naquele local, aqueles olhares perdidos diante daquele pátio me fazia chorar.

Enquanto conversava com um idoso, ouvi uma voz bem alta e grossa, era de uma senhora que não andava e era cega, ela estava sentada em uma cadeira de rodas bem num cantinho e gritava sem parar: “me tira daqui, eu vou morrer”. Nunca senti tanta angústia, então resolvi me aproximar e ao chegar comecei a acariciá-la e sem dizer nada ela encostou seu rosto em minha barriga e começou a cantar: “agasalho, agasalho, agasalho, cadê meu agasalho? Cadê meu paletó? Agasalho, agasalho, cadê?”. Foi então que um funcionário do asilo me disse que ela gostava muito daquela música e só cantava quando estava feliz.

Fui embora pensando em tudo que vi e vivi naquele lugar, mal conseguia dormir a noite, e foi aí que parei para pensar e refletir sobre tanta gente que precisa de ajuda, de um gesto amigo, enquanto outras não dão valor no que tem de mais importante que é o amor da família e dos amigos. Há pessoas que reclamam de tudo, às vezes simplesmente por uma roupa estar apertada, por perder o ônibus, por ter perdido o último capítulo da novela, e não percebem que todos os dias somos presenteados por Deus e devemos agradecer pelo relógio que desperta a cada manhã, porque isso é um sinal de que estamos vivos e apesar de ter um trabalho tão bom e um milhão de problemas para resolver em único dia, somos felizes.

Eu reclamava muito da vida e sei como foi difícil chegar até aqui, sozinha e lutando pelos meus sonhos, mas a partir daquele dia percebi que devemos tirar algo de bom mesmo nas coisas ruins, pois isso contribui para o nosso crescimento, e o que me fez ver isso, foi saber como é a vida do outro lado do muro por onde tantas vezes passamos em frente e não imaginamos como é a vida daquelas pessoas que mesmo sem querer e sem intenção deram um novo sentido a uma vida: à minha.

O MEU PRIMEIRO DIA NA ESCOLA

Nadir Angélica Rodrigues

Quando completei sete anos, minha mãe me colocou na escola e nessa época estudar era um privilégio para poucos, principalmente naquela escola, onde estudava a elite da cidade.

Sou de uma família pobre. A minha mãe sempre foi muito trabalhadora, lava e passava roupas e também arrumava a casa dos outros. Nessa ocasião trabalhava na casa da diretora dessa escola, o que fez com que conseguisse uma vaga para mim.

Quanta euforia do coração de uma criança que sonhava em ir estudar. Brincadeiras, amigos, alegria, aprender a escrever e a ler era tudo que eu pensava. Porém, esses momentos fizeram parte somente da minha imaginação, pois logo foram desfeitos ao entrar na sala de aula. Risos, olhares diferentes, gracejos foi a recepção que tive.

Constrangimento foi o que senti. Riam porque estavam bem arrumados, com uniforme e tênis, e eu, blusa, saia e chinelos; não tinha condições de comprar algo melhor.

Meus pais trabalhavam para sustentar os filhos que eram muitos, não podiam tirar da nossa boca para comprar coisas boas! Comprava o básico do material escolar. Nunca tive uma pasta para carregar objetos. A minha pasta era um saquinho de plástico, desses que vem com 5 quilos de arroz.

A escola, por sua vez, não me olhou, não me percebeu como eu acreditava. Discriminação, humilhação por ser pobre e não ter dinheiro foi o que recebi. Não me recordo de alguém que alguém que alguma vez tenha aproximado de mim e me tratado com carinho. Na realidade me sentia a pior aluna daquele lugar, mas ninguém sabia que todos os trabalhos eu fazia sozinha, apenas minha irmã podia me ajudar um pouquinho em casa.

Tomei várias bombas. Quando fui para a 5ª série, hoje 6º ano, larguei de estudar e fiquei mais vinte anos parada. Casei, tive filhos e fui cuidar deles.

Mas a vida nos prepara barreiras que devemos transpor. Meus filhos foram crescendo e eu não conseguia ninguém que os pudesse ajudar com as tarefas escolares.

__ O que fazer? Resolvi voltar para a escola e ingressei na EJA e depois fui cursar o ensino médio, mas o meu grande desafio era cursar o ensino superior.

Sabe, quando queremos com alma algo de bom, tenham certeza que terminaremos por alcançar. Hoje curso Pedagogia e tenho aprendido a cada dia que superar os obstáculos de nosso dia a dia é que nos faz sentir vivos e livres.

Se tivesse ficando com as lembranças do meu primeiro dia de ala e não tivesse a coragem de retornar após tantos anos, talvez estaria presa em minha solidão por não conseguir enxergar a beleza do conhecimento.

Como não consegui auxiliar os meus filhos na tarefa de casa, resolvi voltar para a escola e fazer o EJA 5ª a 8ª, daí fui para o colégio e fiz do 1º ao 3º ano. O meu maior desejo era cursar uma faculdade, acreditei e hoje graças a Deus estou aqui e, quero e vou conseguir passar para alguém o que eu aprendi e agradeço a todos por isso.

MARIA DAS GRAÇAS, MINHA PROFESSORA AMADA

Raquel Maria de Souza Corrêa

Ainda me lembro do meu primeiro dia de aula. A escola era linda com muitas salas, um parque de diversões, uma área de auditório e uma cozinha enorme. Tudo muito maravilhoso aos meus olhos de criança. Estava ansiosa para conhecer minha professora e os meus colegas de sala.

Qualquer minuto era uma eternidade, mas tínhamos que aguardar no auditório a chamada dos alunos. O auditório todo enfeitado com arcos de balões e um painel com uma paisagem de crianças alegres, brincando. Esse cenário expressava a minha ansiedade de conhecer a escola, pois com certeza, muita brincadeira e amizades me aguardavam.

Inicia a tão esperada chamada e a cada nome meu coração disparava mais e mais pensando que seria a minha vez. Ao terminar a primeira sala comecei a chorar porque não havia chamado o meu nome.

Minha mãe muito nervosa começa a chamar a minha atenção.

___ Menina, cala a boca já vão chamar o seu nome!

Com muito medo fiquei quieta no canto até que surge uma professora tão linda, carinhosa e com um sorriso radiante e com uma voz doce diz:

___ Qual é o seu nome? E porque choras?

Um pouco envergonhada enxugando as lágrimas respondi:

___ Meu nome é Raquel. Eu quero estudar e não chamaram o meu nome.

___ Calma querida, não desespere é porque naquela sala já completou a quantidade de criança, fique tranquila!

Continua a chamada e será formada a turma da professora Maria das Graças. Me emociono ao ver aquela linda moça que havia me acalmado a poucos instantes.

___ Andrea, Ana Carolina, Brunno, Camila, Ítalo, João Camilo, Lorena, Maria Clara, Nayara....enfim meu escuto bem baixo o meu nome. Pego minha mochila e sai correndo em sentido a professora, nem me lembro de minha mãe.

Entrar na sala de aula foi extasiante. Mesas redondas com quatro cadeiras, um painel com flores pássaros e crianças e bem no fundo da sala tinha algumas carinhas de crianças. Minha curiosidade não se contém:

___ ”Tia o quê que é aqueles rostinhos no fundo da sala.”

Maria das Graças, delicadamente, nos levou até o local e nos mostrou onde cada um de nos colocaríamos nossas mochilas e ainda mencionou que abaixo de cada rostinho tem o nome de vocês.

Começam a primeiras atividades. Sentados no chão e em roda pediu para que cada criança falasse o nome e se sabíamos a história de como nossos pais o escolheram. Alguns mais tímidos, outros mais ousados, mas todos nos sentimos a vontade para contar um pouquinho de nós.

Chega a hora do lanche e ainda me recordo do sabor do feijão tropeiro e do arroz, mas, para lanche a nossa querida professora nos orienta que de dois a dois devemos ir ao banheiro para lavar as mãos.

___ Lavar as mãos é sinal de higiene e devemos também saber agradecer o alimento que temos.

Após o lanche o momento mais mágico que toda criança gosta: hora do parque. Correr, pular, balançar, fazer amigos. Cansados voltamos para nossa sala, momento em que recebemos uma folha em branco para registrarmos o que mais gostamos na escola. Nesse dia a aula acabaria mais cedo, nesse instante me entristeci.

___ Não fique triste Raquel, amanhã voltaremos a nos encontrar.

Chega a minha mãe para me buscar e logo fui mostrando a lembrancinha que recebemos com balas, pirulitos, lápis e uma borracha. E o bilhetinho?

___ “Queridos alunos sejam bem vindos! Com muito amor e carinho da tia Maria das Graças”.

Sinto saudades do meu primeiro dia de aula. A lembrança da minha primeira professora se eternizou em meus pensamentos. Sentimos falta de alguém quando sua presença é sinal de amor.

A ESCOLHA DE MINHA PROFISSÃO

Roselaine das Chagas

Desde pequena meu sonho era ser professora. Sempre gostei de copiar no quadro e fingir que estava ensinando algum conteúdo para meus colegas de classe. Aquela sensação de poder transmitir algo, de poder ensinar, me envolvia e me instigava a querer aprender sempre mais.

Assim que terminei o Ensino Médio, comecei a ser chamada para substituir os professores da escola onde estudei. Ministrei aulas de matemática e de português. Foi nessa época que descobri que eu queria era ser professora de Língua Portuguesa. Ensinar a nossa língua era emocionante, adorava ficar horas e horas estudando uma gramática, pesquisava em diferentes fontes até consegui entender o conteúdo que eu iria ministrar.

Pouco tempo depois resolvi fazer o Curso de Letras, pensava que eu só precisava de um diploma, pois acreditava que já sabia o conteúdo, mas descobri que eu tinha muito a aprender.

Eu conhecia as regras gramaticais da língua, mas eu não tinha ideia de que ensinar a nossa língua não era apenas ensinar gramática, o meu maior desafio era ensinar o aluno a pensar, a refletir sobre o uso da língua, a interpretar um texto, ou seja, era tornar útil e prazeroso todo aquele conhecimento.

Aprendi muito com todos os meus estudos, adquiri vários conhecimentos e vivenciei experiências que foram importantes para minha formação como educadora. Percebi com mais nitidez que havia feito a escolha certa, que aquela era realmente a minha vocação.

Acredito que um bom professor, jamais deve parar de estudar, o conhecimento nunca se esgota e é preciso sempre estar atualizado, é preciso aprender a ver as coisas de uma maneira diferente, com um novo olhar.

Para mim, estar numa sala de aula me faz muito feliz, sinto-me realizada profissionalmente, nada me deixa mais contente do que ver os olhos dos meus alunos brilhando enquanto estou explicando. Percebo em cada um o esforço em compreender o que estou dizendo. A confiança e o respeito depositados em mim me fazem cada vez mais forte e firme em meus propósitos.

Sinto-me lisonjeada e grata por perceber o reconhecimento do meu trabalho, isso só reforça que realmente fiz a escolha certa. Acredito que a melhor profissão, a mais rentável é aquela que você sente prazer em desenvolver seu trabalho, para fazer algo bem feito é preciso gostar, é preciso se entregar de verdade e não medir esforços em estar sempre capacitando e aperfeiçoando.

DECEPÇÃO NA ESCOLA

Samara Cristina Soares da Silva

Tudo começou em 1994 quando entrei na escola, era tudo tão diferente, até então nunca tinha afastado da minha mãe, sentia protegida e quando ela me deixava ali, me sentia isolada com medo de tudo e de todos.

Mas, um mês depois eu já contava as horas para ir à escola, me lembro que tinha uma coleguinha que eu não desgrudava, até que um dia sem mais nem menos ela apronta uma comigo que até hoje eu trago essa mágoa.

Eu sentava em sua frente, a professora estava passando a matéria no quadro quando a minha coleguinha que eu gostava muito, rabiscou o seu próprio caderno me acusando

injustamente. De repente a professora foi até a sua mesa arrancou a folha rabiscada e esfregou em minha cara na frente de todos os coleguinhas. E disse:

__ Se amanhã a sua mãe vier aqui, depois nós duas vamos ter uma conversa.

Assim carreguei aquela história por muito tempo sem poder contar nada para a minha mãe, com o trauma de abrir a boca fui muito prejudicada, pois a partir daquele dia nunca mais eu fui a mesma, não me lembro da professora, mas me lembro da coleguinha, por causa dela não fui capaz de desenvolver como gostaria.

Minha mãe notava a diferença, pois não sentia mais a animação como alguns meses atrás, sempre me perguntava se tinha acontecido alguma coisa só que por medo nunca falei nada, preferi ficar isolada de todos os meus coleguinhas pelo o fato de não acreditar mais em nenhum na sala, sempre sentava nas últimas carteiras e toda vez que tinha alguma apresentação, inventava uma doença para não ter que falar.

Desisti dos estudos por sentir que não era capaz de ir além do que sonhava, depois de alguns anos resolvi jogar para fora tudo que me incomodava e com a ajuda das pessoas que realmente me amam, resolvi buscar o tempo perdido e com toda a minha história cheguei à conclusão de que eu poderia sim superar todos os obstáculos que surgissem em minha vida.

LEMBRANÇAS QUE JAMAIS SE APAGAM

Selma Barbosa Rodrigues

Há muitos anos, morava com meus pais e sete irmãos pequenos, em uma pequena casa de taípa, no sertão do nordeste, região tomada pela seca, uma terra infrutífera que gerava miséria e fome. Só tinham casas bonitas os fazendeiros donos de muitas cabeças de bois, a estes pertenciam o dinheiro e o poder. Para os mais pobres, apenas o ditado: “quem não tem boi, puxa a carroça.”

Nesta terra seca, onde quase nada se produzia, era sempre esperada a chegada da milagrosa chuva. Em torno de nove a dez meses meus pais deixavam a terra preparada, aguardando São Pedro abrir “os guarda-chuvas do céu”. Enquanto a chuva não vinha, alguém

tinha que trabalhar, então minha mãe despertava ao cantar do galo e ia a caminho do curral tirar o leite, garantindo o sustento de seus filhos, ganhava pouco dinheiro e vendia alguns litros de leite, o que garantia matar a fome de seus filhos. Faltavam muitos alimentos como arroz, café, açúcar, entre outros, entretanto o leite nunca faltou. Até hoje, adoro tomar leite com café, pois fizeram parte do alimento mais importante que tinha na minha infância.

Devido às dificuldades, tive que morar em algumas casas na cidade do sertão em troca de comida e roupas, era uma forma de poder ajudar minha mãe. Eu realizava algumas tarefas domésticas como cuidar de bebê, regar as plantas, lavar louças, lembro-me de que chorava muito de saudades de todos de minha casa e quando minha mãe me visitava, abria um berreiro para ir com ela, muitas vezes me levava, mas outras não.

Algum tempo depois, fui morar em São Paulo para cuidar de uma senhora que estava na cadeira de rodas. Suas filhas me prometeram cuidados e estudos.

No ano seguinte fui matriculada na escola, no bairro da zona leste de São Paulo, tudo era novo para mim, nunca havia pegado em um lápis ou caderno e não conhecia letra alguma, tudo era uma caixinha de surpresas.

O primeiro dia na escola foi maravilhoso, pensava: será que vou conseguir escrever letras tão difíceis? O alfabeto era ensinado e identificado pelos desenhos letrados. Lembro-me até hoje o nome de minha primeira professora, nunca tirei do registro de minha memória e nem poderia pois foi com ela que aprendi a ler e a escrever. Me esforçava para aprender, tive poucas dificuldades, pois a tia de criação era professora de matemática e às vezes, me ajudava a esclarecer dúvidas, eram poucas vezes, porque dava aula em dois períodos, tarde e noite, e não tinha muito tempo.

Minha rotina diária era pesada, levantava às cinco e meia da manhã para ir à padaria, fazer o café e dar os remédios para “vovó” – assim eu a chamava como forma de respeito, fazia um longo caminho para chegar a escola. Para mim, era a melhor coisa que eu fazia, adorava vestir o uniforme, pois sem ele não entraria na escola.

Nos primeiros anos estar distante de minha mãe e irmãos foi tenebroso e triste, porém sempre fui uma garota de alto astral, brincalhona, nunca fui tímida, coisa de menina que ao mesmo tempo que chorava, logo estava sorrindo, a força de Deus me encorajava a caminhar sobre os trilhos da vida, o fardo amargo se tornaria mais doce. Os anos passaram depressa e

passsei de uma infância adulta para adolescente e aos quinze anos, terminei o ensino fundamental, com excelentes notas.

Devido a algumas circunstâncias, querendo possuir uma família, cometi o enorme erro e me casei com quinze anos. Abandonei os estudos e com vinte anos já estava com três filhos. Separei de meu marido e aos vinte e quatro anos, fui trabalhar de doméstica e determinei para a minha vida : quando meus filhos crescerem voltarei a estudar, e com muita garra voltei a estudar depois de treze anos sem passar pelo caminho da escola. Mente travada, mãos trêmulas, uma reviravolta cerebral, estava sendo reorganizado novas estruturas. Completei o ensino médio, cursei o magistério, acelerei meus passos para não parar mais a carruagem, peguei carona no vestibular e cheguei até a pedagogia, onde ainda farei um voo mais alto, no avião da pós-graduação.

UMA LIÇÃO PARA O PEDAGOGO

Silvia Maria Rodrigues Souto

Todos os alunos estavam bem entusiasmados com o início do ano letivo, para um novo período de aula que iria iniciar em uma determinada instituição que se localiza em um bairro nobre da cidade.

Chegando à escola, logo me juntei aos meus colegas, que já conhecia, mas estava louca mesmo era para conhecer meus novos amigos de turma. Logo o primeiro sinal soou e já fui me dirigindo a minha sala. Quase todos os alunos já estavam acomodados, entrei um pouco

envergonhada por não conhecer quase ninguém. Depois de um tempo, fui me relacionando com os meus novos amigos.

A professora chegou na sala muito séria, cumprimentou a todos, e já foi iniciando a aula. Ela era muito severa e muito brava, todos os alunos tinham medo dela. No primeiro dia de aula, deu uma atividade de Matemática, era a matéria que eu tinha mais dificuldade, aliás não só eu, mas a maioria da sala.

Havia, na sala, uma coleguinha que apresentava mais dificuldades que os outros, de maneira alguma ela aprendia a multiplicar e nem a dividir, e como a professora era muito exigente, dizia que os alunos que não soubessem multiplicar e nem dividir, não iriam permanecer na aula dela, e iriam para uma turma de aprendizado mais lento.

A menina ficou muito triste, pois ela sabia que a qualquer momento poderia se separar dos seus amigos. A professora logo percebeu que essa garota não estava acompanhando a turma.

A diretora chegou à porta da sala para nos dar as boas vindas. Depois que ela terminou de falar, a professora mais que depressa foi logo falar com a diretora. Falando bem baixinho ela disse:

__ Eu não quero essa menina na minha turma!

No dia seguinte, quando cheguei à aula, logo percebi que a menina já não estava na sala, fiquei muito chateada, pois gostava muito dela, e nunca pensei que a professora fosse ser tão ruim a esse ponto de excluir a menina por não saber a matéria.

No intervalo, fui logo falar com ela, para saber como era sua nova professora e seus novos amigos. Ela estava muito aborrecida, não me disse nada apenas estava muito triste. Depois de certo tempo, ela foi se acostumando com a nova turma e começou a entender mais a matéria.

Certo dia, as duas professoras estavam conversando. A professora nova falou muito bem da menina, disse que ela era uma menina muito esforçada. A outra indagou dizendo que a menina era muito fraca e que não estava conseguindo alcançar a turma.

Com o passar do tempo a garota se destacava muito em seus resultados. A professora antiga ficou envergonhada por perceber que ela não foi capaz de transmitir conhecimento para aquela garota.

Assim, percebi que a escola é o lugar onde desenvolvemos nossas habilidades, por isso é preciso que os professores saibam trabalhar com seus alunos oferecendo-lhes caminhos adequados para alcançar o conhecimento.

LUTAR PARA SER FELIZ

Sueli de Oliveira Fonseca

Minha vida escolar é uma constante luta. Tudo começou quando eu estava nas séries iniciais. Eu sofria “bullying”, os meus colegas me chamavam de “piolhinho”, mas isso não fez com que eu desistisse de estudar. Passei para 5ª série e precisava estudar em outra cidade, mas o meu pai não tinha condições de fazer a matrícula.

Um belo dia estava passeando com um colega na rua e minha antiga professora me chamou e perguntou se eu iria continuar com meus estudos. Respondi que não, pois meu pai estava sem condições financeiras para me manter na escola. Ela deu apenas um sorriso e foi embora. Quando estava perto de começar as aulas, esta professora chegou em minha casa e me deu de presente todo o material escolar, e disse que já havia feito minha matrícula em uma nova escola, assim pude continuar a estudar, até terminar a oitava série.

Logo depois, a história se repetia. Tinha que cursar o ensino médio, mas não tinha condições de comprar as apostilas. Então, tive que parar de estudar, fui trabalhar na roça para ajudar no sustento de minha família. Meu pai, além de não ter condições de me ajudar, não acreditava que os estudos eram importantes na minha vida. Pensei, tudo bem, mas no próximo ano continuarei meus estudos.

O tempo passou e continuei sem ter como voltar para a escola. Depois de muita luta e ajuda de amigos verdadeiros para adquirir os livros e apostilas, consegui me matricular no ensino médio. Foram anos difíceis, meu pai faleceu, tive vários problemas, mas consegui terminar o ensino médio. Nunca desisti de meus sonhos, era persistente, pois meu grande sonho era fazer um curso superior.

No ano seguinte, prestei vestibular para Administração, não consegui ser aprovada. Esperei mais um pouco e fiz novamente o vestibular, agora para Pedagogia. Fui aprovada, cursei o 1º período e engravidei. Terminei o 2º período, meu filho nasceu e tive que trancar minha matrícula.

Depois de dois anos voltei. Hoje estou no 3º período, e tenho certeza de que vou terminar o curso e consegui vencer todos os obstáculos que aparecer, porque eu quero ser uma grande pedagoga e poder alfabetizar as crianças para que elas possam ser grandes vencedores na vida, assim como eu sou! ...

A ESCOLA CONSTRÓI O ALUNO

Tania Nunes Davi

Fui de uma espécie de aluno que não existe mais... Não é que eu era CDF, mas eu e a galera tínhamos um compromisso com o conhecimento que o aluno de hoje não tem.

Meus pais me incentivavam a ler desde cedo, mesmo que não tivéssemos recursos para ter livros. Meu pai tinha uma coleção de revistas em quadrinhos que era o meu paraíso até que

entrei para a escola e descobri a biblioteca. Lembro-me que, enquanto meus colegas queriam livros de conto de fadas, eu lia Monteiro Lobato na 3ª série e Júlio Verne na 4ª. A partir daí não parei mais, sempre fui uma “rata” de biblioteca e meio obsessiva por leitura. Ler me levava a mundos que eu, até hoje, ainda não conheci fisicamente, mas já imaginei e experienciei mil vezes...

É claro que quando eu era estudante a curiosidade tinha que ser satisfeita por meio da pesquisa física, não tínhamos google e, se você queria uma resposta, tinha que procurar muito em enciclopédias e almanaques até achar. Mas isso é que era legal – o procurar e (Oh! Momento feliz...) encontrar explicações para suas dúvidas. Me lembro de uma ocasião, acho que estava na 7ª ou na 8ª série e o livro de Geografia trazia um capítulo sobre a Índia e dizia que: “a vaca é considerada sagrada na Índia.” Perguntamos a Dona Zezé por que? E ela, muito esperta, e imbuída do espírito de pesquisa e de nunca dar ao aluno uma resposta pronta, disse: “Descubram!” E lá fomos nós, Juliana Botelho e eu, procurar na biblioteca, pois era impensável ficarmos sem saber a resposta... E quando descobrimos – que alívio, que maravilhosa sensação da descoberta, do saber uma coisa nova que não conhecíamos.

Pesquisar e escrever sobre o tema era uma metodologia que não se restringia as séries finais do Ensino Fundamental, pelo contrário, era uma constante. Tive uma professora que empregava a concretude como uma arte; como boa mineira sabia que o aluno só aprende quando vê, pega, constrói, destrói... As aulas da Dona Abigail, na 4ª série, eram o máximo, ela trazia coração de boi para estudarmos o sistema circulatório, construíamos aparelhos respiratórios com bexiga e canudos, viajávamos por um corpo humano fantástico e aprendíamos sem decoreba. Também pesquisamos sobre a chegada do homem à lua, sobre o sistema solar – sobre um universo que só conhecia da televisão. Na 7ª série o ápice do aluno que pesquisa – um trabalho sobre a cultura Maia, e lá fomos nós (Juliana Botelho, Cimeide e eu), ler uma dezena de livros, sintetizar e construir um trabalho do qual nos orgulhamos até hoje pois, “do alto da suntuosidade dos templos, o sorriso satânico de Kulkucán, a serpente de plumas, parece zombar do vão orgulho e da efêmera glória dos homens.” Eis “o” trecho máximo do trabalho. Isso é que é aluno que sabe escrever, né? Ainda mais que estávamos na fase de ler dicionário e copilar palavrinhas difíceis e novas para usar em redações...

E, às vezes, ainda me perguntam por que escolhi História, por que gosto de pesquisa? A resposta: é porque sou de uma outra era, antes da facilidade, antes do acesso instantâneo, antes do “copiar e colar”. Uma época na qual você, pessoalmente, fisicamente, manuseava o livro,

lia, copiava, pensava, sintetizava, construía o seu trabalho e aprendia para toda a vida. Não que eu seja uma “dinossaura do século passado” e que não goste das facilidades da internet, pelo contrário, uso e uso muito, garimpando as informações que são reais das fantasias, usando sites confiáveis e não me rendendo ao “copiar e colar” sem referenciar.

MEU JARDIM DE INFÂNCIA, MINHAS DOCES LEMBRANÇAS

Tatiane Wolberg Brozinga

Recordando sobre minha vida escolar, passando como um filme em minha mente veio a doce lembrança do meu jardim de infância.

Lembro que começou minha aula em um dia escuro e chuvoso, minha mãe me arrumou e seguimos para o caminho da escola.

No começo eu tinha muita insegurança, hora ou outra meus olhos se voltava ao olhar de minha olhar materno dela. Era tudo muito estranho, pessoas e crianças desconhecidas tinha hora que eu não entendia nada. Passando se os dias, já não mais possuía a insegurança da entrada, outrora havia pequenos chorando e eu logo me propunha ajudar.

Adorava o dia de sexta-feira, pois era o dia de artes plásticas, a imaginação corria solta, árvores, borboletas, carrinho, e até o retrato de família apareciam naquela branca folha de papel. O carinho de minha professora era muito intenso, podia sentir o toque, o afago que ela nos fazia quando nós falávamos com ela.

A hora do lanche era mesmo muito divertida, lavávamos as mãos e sentávamos em uma comprida mesa.

__ Hum que delícia!

Saborear aquele alimento era realmente muito gostoso. E depois do almoço era a hora do descanso.

__ Que soninho!

Dentre todos os dias vividos um em especial ficou gravado em minha memória o dia da formatura. A emoção tomou conta daquele lugar, uma linda festa cheia de lembrança e tristeza por no ano seguinte não estar mais ali.

Os anos se passaram e já na fase da adolescência tive o imenso prazer de retornar naquela escola, infelizmente minha diretora e minha alfabetizadora já eram falecidas, e o abraço e os agradecimentos não pode ser feitos muito menos a retribuição de tudo que fizeram por mim. A área escolar já não existe hoje, deu lugar a grandes prédios comerciais, apenas sobrando o parquinho de areia.

De todas as transformações ocorridas jamais serão esquecidas as fortes emoções vividas no meu jardim de infância.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA

Thais Felipe dos Santos

Cheguei à escola onde iria ter minha primeira experiência na sala de aula. Ao chegar, me deparei com crianças correndo no pátio e as mães preocupadas, com medo que se machucassem. Era uma escola muito bonita, aconchegante e espaçosa.

Eu sabia que iria ficar poucos dias, porque ia apenas substituir uma professora, mas mesmo assim estava muito nervosa, ansiosa e como sempre vergonhosa. A medida que ia entrando, perguntava a mim mesma:

— O que estou fazendo aqui? Será que isso vai dar certo? Será que as crianças vão gostar de mim? E os pais, o que vão achar?

O medo ia tomando conta de mim. Então, respirei fundo e fui à secretaria, conversei com a supervisora e ela me acompanhou até a sala de aula. Todas as crianças estavam com os pais na porta da sala, à minha espera.

Acho que pelo meu jeito de menina, alguns pais ficaram com receio, fizeram críticas sem ao menos me conhecer, mas as crianças, desde o primeiro momento se encantaram comigo, e eu com elas.

Ali estava eu, com 20 crianças de 4 anos, que eram lindas e maravilhosas, mas também agitadas e indisciplinadas. Pensei que o motivo daquela bagunça fosse a troca de professor, mas me enganei, porque logo chegaram os comentários:

— Nossa, estou com pena de você, te colocaram na sala mais difícil da escola, tem menino aí que nem a mãe consegue aguentar.

— Você não vai dar conta dessa turma. A professora até hoje não conseguiu colocá-los na linha, agora é que vão aprontar mesmo.

À medida que escutava, ficava assustada, mas queria mostrar que era capaz e conseguiria melhorar o comportamento daquelas crianças.

Os dias foram se passando e os pais que fizeram críticas não existiam, estavam admirados e me perguntavam o que eu estava fazendo para que os filhos deles ficassem tão entusiasmados em ir para escola, alguns até choravam para chegar logo a hora de ver a professora.

No começo não sabia o que estava fazendo, mas fui percebendo que o carinho que dava a eles foi melhorando a disciplina e o respeito, não só dentro da sala, como também em casa. Descobri que a base para o crescimento daquelas crianças estava no lado afetivo, pois buscavam atenção e carinho.

A cada dia que passava, maior era minha certeza de que estava no lugar certo, o meu medo desapareceu, tudo caminhava como eu esperava e todos chegavam até mim para dizer:

__ Parabéns, sinceramente pensei que você não daria conta desta sala, retiro o que disse, estou impressionada.

__ Não sei o que fez, mas só ouço elogios a seu respeito, as crianças estão apaixonadas por você, e os pais estão muito felizes e agradecidos pelo jeito que trata as crianças.

Os elogios me deixavam feliz, mas um mês se passou e chegou a hora da despedida, outra professora seria contratada. Fiquei decepcionada e triste, sem entender porque iriam acabar com uma história que tinha dado tão certo.

Minha tristeza durou pouco tempo, meu trabalho foi reconhecido e o meu contrato renovado até o final do ano. Fiquei muito satisfeita de saber que ficaria mais um tempo com aquelas crianças que tanto me ensinavam.

E foi assim que tive meu primeiro contato com uma sala de aula, uma experiência maravilhosa e inesquecível, não só para mim como também para todas aquelas crianças.

Até hoje, quando saio na rua sempre escuto alguém gritar meu nome: __Tia Thais, tia Thais..., e quando olho, me deparo com uns olhinhos brilhando e um sorriso lindo.

Essas pequenas palavras, com som de uma voz doce e inocente, e aqueles rostinhos tão maravilhados me deixam emocionada e fazem com que eu me sinta uma pessoa especial e realizada.

EDUCAÇÃO: SINÔNIMO DE SUPERAÇÃO

Valquíria Martins Ribeiro

Singela e meiga, assim era minha personalidade quando criança. Aos quatro anos de idade minha mãe me ensinou a ler e a lidar com os números utilizando a tabuada, gostava muito de ler livros com ilustração, pois mexia com meu psicológico. Aos cinco anos comecei a frequentar a escola, as professoras vendo meu desempenho me colocaram na sala do primeiro ano das séries iniciais, fiquei muito feliz porque elas acreditaram em meu potencial.

Mesmo com toda timidez e dificuldade de aproximar dos meus colegas da classe, procurava a cada momento aprender os ensinamentos passados durante as aulas, estudei até a terceira série em uma escola simples em Chapada das Perdizes-MG (popular Castanha), mas com educadores que me prepararam para continuar a caminhada estudantil com muito êxito.

Assim eu prossegui, fui continuar meus estudos em Douradoquara-MG. No começo do ano letivo quando iria fazer a quarta série, senti um imenso aperto no coração, pois estava em um ambiente diferente e tinha muito medo de não me adaptar.

Mas não pense que eu desisti, pedi ajuda à minha mãe, eu precisava acabar com aquela imensa dificuldade de conversar com as pessoas, foi quando ela teve a ideia de me colocar na aula de canto, desenvolvi minha voz e aprendi a tocar violão, cantei na igreja por cinco anos e aos poucos, comecei a comunicar mais com as pessoas.

Os anos se passaram e consegui terminar o ensino médio. Então começou a fluir em meu pensamento que curso iria fazer para ter uma profissão. Decidi fazer pedagogia, fiz o vestibular e passei, me matriculei, fiquei muito contente por aquela conquista, mas o destino mudou meus planos, devido a um problema familiar ocorrido, me deparei com uma forte depressão aos 16 anos e tive que abandonar o curso.

Período da minha vida que foi muito difícil, mas que graças a Deus consegui superar. Aos 18 anos me mudei para Monte Carmelo com intuito de retornar a faculdade, fiz o magistério, e percebi que podia ir mais além.

Assim fiz o vestibular, novamente para pedagogia, e estou estudando para ganhar novos conhecimentos para minha vida. Apesar de todos os obstáculos percorridos desde a minha infância, hoje me sinto realizada, tenho um imenso potencial de comunicação, e com a certeza e confiança de que meus professores irão transmitir no decorrer do curso grandes ensinamentos para eu me tornar uma profissional de sucesso.

Cada momento que presencio, seja na sala de aula com convívio com meus colegas, professoras ou até mesmo nos estágios realizados, já é uma grande experiência muito importante para a minha formação como educadora.

Por tudo que passei, já não sinto mais medo de enfrentar nada que me aflige, amadureci psicologicamente, e tenho sempre o pensamento positivo de que a educação ajuda vencer barreiras e pode fazer com que o ser humano se transforme em uma pessoa confiante, e com condições de superar os problemas que surgem em sua vida.

MARCAS DE UM PASSADO ESCOLAR

Vanice Ordonhes Silva e Costa

Primeiro dia de aula; de repente estava ali de frente àquela multidão, tinha crianças para todo lado, me senti sozinha num lugar que mal conhecia. Comecei a olhar tudo que estava ao meu redor, cada detalhe, aquelas paredes grandes e compridas todas pintadas de azul e vinho, aqueles corredores apertados e longos com várias portas que davam acesso há algum lugar. Era um empurra, empurra e eu que não sabia de onde vinha tanta criança. Toca um sinal com ruído estranho (“zoom”), me pergunto: “que é isso? Para onde vou agora!...” As crianças começam a

formar as filas, só escutava: “eu sou na frente”, “não, sou eu é que sou” e naquele empurra empurra fui ficando cada vez mais para o final da fila, uns falavam que eu era muito grande para ficar na frente, foi quando vi que era toda acanhada e envergonhada e fiquei num canto isolada, ninguém conversou ou brincou comigo.

Chega uma mulher que passa por nós olhando cada criança, vai para frente da fila e segura a mão dos meninos que estão na frente e entram numa sala grande com três janelas grandes, um quadro na parede da frente, dos lados era decorada com cartazes com algumas letras que nem tinha ouvido falar. A sala também era cheia de mesas e cadeiras postas enfileirada uma atrás da outra. Começamos a nos sentar, me sentei na última fila da direita para a esquerda na última carteira, me sentia excluída do resto da turma, ninguém conversava e nem brincava comigo, todos olhavam para trás e começavam a rir. Eles olhavam o jeito que eu estava vestida, como estava o meu cabelo, miravam os meus pés e examinavam o que tinha levado de materiais para a sala. Começaram a comparar com o deles e falaram que os meus cadernos eram feios, que não tinha lápis de colorir, e “cadê a mochila dela?”, as piadinhas começaram a serem feitas.

Me senti sozinha, sem ninguém para conversar e brincar. Minha família era pobre nossa condição financeira era precária; éramos sete irmãos todos na escola, meu pai doente, minha mãe é que mantinha a casa e não dava para comprar tudo que precisávamos. Então ela comprava um caderno e um lápis, nem borracha para apagar eu tinha. Apagava os erros com a saliva nos dedos e passava no caderno.

Lembro-me bem que nas escolas davam materiais escolares e uniformes para aquelas crianças que não tinham condições de comprar, fiquei esperando ganhar esses materiais. Isto tudo fazia com que meus colegas se afastassem de mim cada vez mais. A professora também tinha certo receio de chegar perto, parecia que a minha pobreza era contagiosa, ensinava de longe o alfabeto e eu não aprendia nada do que estava ensinando. Foi aí que comecei a não querer a ir mais a escola, faltava direto, ficava até um mês sem ir à aula. Minha mãe começou a se preocupar e me perguntava: “por que você não quer ir mais à escola?” Respondia a ela: ”porque não quero”, ela falava: “você vai sim” e eu falava que não.

E naquele ano não fui mais mesmo, perdi o ano, pois estava tão difícil de encarar todas aquelas crianças fazendo chacota o tempo todo e me isolando deles, isto me magoou e ficou marcado na minha história.

SUPERANDO DIFICULDADES

Yara Gomes do Nascimento

Era por volta das 16h quando comecei a me arrumar para uma nova e importante etapa da minha vida: o meu primeiro dia de aula em uma Faculdade. Como eu morava em uma cidade e a faculdade era em outra, tinha que pegar o ônibus para chegar ao meu destino.

Lembro-me que quando cheguei, me deparei com um enorme prédio azul, com grandes janelas e com alguns detalhes em marrom, senti um enorme frio na barriga, era como se eu estivesse com borboletas voando dentro do meu estômago, e uma ansiedade enorme também.

Como todo primeiro dia de aula, a faculdade estava um alvoroço, era um entra e sai de aluno, alguns veteranos, que já sabiam a rotina da faculdade, outros iguais a mim apenas um “calouros”, perdidos pelos corredores. Acho que pelo fato de eu estar extremamente ansiosa, um frio gigantesco na barriga, dava a impressão de ter, realmente, várias borboletas dentro do meu estômago, os corredores pareciam aumentar de tamanho.

Subi um pequeno corredor, e me deparei com uma sala grande, com paredes brancas, com várias cadeiras de estofado azul, que nos proporcionava um certo conforto, e que seriam ocupadas por nós, futuros pedagogos. Na sala, havia apenas um homem, a maioria era mulher. Algumas mais velhas outras mais novas, mas todas com uma enorme ansiedade, algumas mais tímidas, outras menos, enfim era uma sala bem variada.

Porém, dentre todas as cadeiras que estavam na sala tinha uma que me chamava muito a atenção, ela era grande, preta, com alguns detalhes em vermelhos, tinha rodas, e era ocupada por uma pessoa especial, a Viviane, que se destacava não pela sua limitação física, mas pela sua alegria, pelo seu entusiasmo, pelo seu poder de fazer as pessoas ao seu lado se sentirem capazes de superar suas dificuldades.

Vivi (como todos a chamavam), era linda tanto por dentro quanto por fora, tinha um olhar que parecia ler a nossa alma, um sorriso acolhedor que contagiava a todos que estavam a sua volta, um verdadeiro exemplo, uma mulher que superava suas dificuldades e limitações, driblava as diferenças e removia todas as pedras que encontrava pelo caminho, plantava esperança e colhia felicidade e corria atrás de seus sonhos e nos estimulava a correr atrás dos nossos.

Viviane com seus vinte e poucos anos de existência, colecionava várias vitórias e me ensinou com o seu jeito simples de viver, que o importante é lutar pelos nossos sonhos, independente de nossas limitações.

Depois deste primeiro contato com a faculdade e com os meus novos amigos, pegamos o ônibus e voltamos para a casa, com a certeza de que “nada é tão fácil que não mereça nossa atenção e nem tão difícil que não mereça nossa superação”.

A MINHA ESCOLA

Zélia Consuelo Rodrigues da Silva

Comecei a estudar com 8 anos de idade porque morava longe e não tinha quem me levasse à escola.

Bem a minha ida para a escola foi a pé, com muita expectativa, vestida de uniforme, blusa branca e saia azul com pregas largas, chinelos de plástico, não existia havaianas e pasta,

pasta que nada! Levava um caderno fino, sem capa, um lápis dentro de um saco plástico daqueles que vinham com leite em pó doados pela prefeitura, naquele tempo. Não digo saquinho de arroz pois não havia arroz empacotado, era comprado aos quilos na embalagem de papel na venda do Seu Domingos. Eu era apaixonada por uma saia plissada miudinho igualzinha àquela da Juliana que estudava comigo, filha daquele doutor famoso que havia aqui.

No início, ao entrar para a sala, em fila, gostava de apertar as bochechas rosadas daquela turca branquela que ficava na minha frente e, ela com medo não reclamava. A professora ensinava rezar a quem não sabia, eu vinha de família rezadeira que queria que eu fosse filha de Maria, para não casar. As atividades de todo dia, primeiramente, eram num caderno quadriculado que eu não sabia para que aquilo, se não havia como ler aqueles quadrinhos! Era uma folha para cada tipo de exercício... quadrinho, cruzinha, reta, perpendicular, bolinha no centro, “T” de boca para baixo e de boca para cima, como se o “T” tivesse boca! E a professora passava dando visto e nota 10!. Adorava chegar em casa e mostrar a nota. A alfabetização foi por meio do b, a, ba . O ditado silábico, depois com palavras. Na hora do lanche vinha a cantineira, pessoa muito querida e carinhosa todos gostavam dela, trazendo uma pilha de pratos de alumínio, para esquentar e comer pouco lanche, um enorme caldeirão, quase cheio de sopa cheirosa, cheirava a carne, carne? _ Carne era que nem língua de formiga! Sopinha aguada, com enormes ossos, porém temperada, os ricos iam na frente e ainda tinham o lanche que ia de casa na merendeira, a sobra do caldinho ralo com os ossos era para os pobres! Quanta humilhação! Ah! Lembrei de novo da merendeira que compunha o uniforme dos ricos, eu ficava aguardando para ter uma mas, se tivesse, de vez em quando levaria alguma fruta do quintal de casa, pirulito, bala de açúcar com limão feita na tampinha de garrafa ou, só levaria água, a cisterna lá de casa vivia cheia! !

No recreio as brincadeiras de roda, pular corda, maré, jogar bola, pique-pega, e até algumas briguinhas tolas saiam.

Num belo dia, dentro da sala de aula surge uma garota de aproximadamente uns 7 anos de idade, olhos verdes, pele clara e rosada, o cabelo em cachos dourados amarrados com Maria Xiquinha, usava uma saia pregueada quase igual à minha, na cor azul com blusa e meias brancas e os sapatos pretos tipo boneca, adentra a sala de aula e distribui balas macias para nós.

__ Quem seria aquela figura? E por que estava agradando as outras crianças?

Imediatamente ela começa a recitar:

Lili
Olhem para mim.
Eu me chamo Lili.
Eu comi muito doce.
Vocês gostam de doce?
Eu gosto tanto de doce!

E a professora abre um cartaz enfeitado com babadinho em volta, era o cartaz da Lili, ela mandou que todos lessem junto com ela: __ Lili, olhem para ...

Nos entregou a cartilha da Lili e daí começou a trabalhar todos os textos em clima de festa porque de vez em quando a Lili estava na nossa sala lendo conosco, e a Lili pessoa, vestia igualzinho à Lili da cartilha. E, de tanto ler junto com a professora, todos memorizavam o texto. A cada dia era uma nova página da cartilha e repetindo também a leitura do dia posterior.

As avaliações feitas através de ditado instigavam o aluno a pensar na forma de escrever e, quem acertava tudo era premiado com um lápis bonito, ora um cartãozinho com mensagem motivadora.

E para avaliar no final do ano, o aluno era chamado na sala da diretora, mulher alta, carrancuda, brava! Fui com tanto medo, não sabia o que ia acontecer... Chegando lá ela tomou um livro grosso com as folhas amareladas e ordenou que eu fizesse uma leitura só com os olhos para ela. Assim o fiz. Daí começou a interrogar-me:

__ Quem comeu o queijo?

__ Respondi, o rato.

__ E o que ele fez?

__ Entrou no buraco.

Ela mandou-me de volta para a sala.

Daí minha professora deu-me a notícia que aquela leitura foi um teste final avaliando o aluno na passagem de ano.

Com isso eu percebi que somos avaliados nas pequenas coisas e que devemos estar sempre atentos.

AS ORGANIZADORAS

Beatriz Nunes Santos e Silva

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Antônio Augusto Reis Neves (1994), Orientação educacional pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1996) e graduação em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (1990). Mestre em Educação Superior pelo Centro Universitário do Triângulo (2008). Atualmente é orientadora educacional

da Escola Municipal Afrânio Rodrigues Cunha em Uberlândia – MG, e professora do Curso de Pedagogia da Fundação Carmelitana Mário Palmério, em Monte Carmelo – MG.

Roselaine das Chagas

Possui graduação em Letras e Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia - MG. Atualmente é coordenadora de estágio e professora dos Cursos de Administração, Letras e Pedagogia da Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP).

Tania Nunes Davi

Possui licenciatura e bacharelado em História, pela Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Catalão; Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia – MG. Professora dos Cursos de Administração, Direito, Letras e Pedagogia da Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP).